

**JAIME DUARTE PESSOA DE CARVALHO
CORREIA BESSA**

**SEGURANÇA DA VINCULAÇÃO E PERCEÇÃO
DOS CUIDADOS PARENTAIS EM CRIANÇAS DE
IDADE ESCOLAR**

Orientadora: Fernanda Salvaterra

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

**Lisboa
2013**

**JAIME DUARTE PESSOA DE CARVALHO
CORREIA BESSA**

**SEGURANÇA DA VINCULAÇÃO E PERCEÇÃO
DOS CUIDADOS PARENTAIS EM CRIANÇAS DE
IDADE ESCOLAR**

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de
Mestre no curso de Psicologia, Aconselhamento e
Psicoterapias conferido pela Universidade Lusófona
de Humanidades e Tecnologias

Orientadora: Prof.^a Doutora Fernanda Salvaterra

Orientadora: Fernanda Salvaterra

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2013

“A educação é a ferramenta mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo.”

Nelson Mandela

Dedicatória

Dedico esta tese à minha querida avó Fernanda, aos meus pais Ana e Jaime, e à minha irmã Mafalda pelo apoio que me deram. Aos meus filhos João e Matilde, pela força e alegria de viver contagiantes.

Agradecimentos

Neste culminar de um longo percurso quero agradecer em primeiro lugar à minha orientadora de tese a Professora Dr.^a Fernanda Salvaterra pela sua disponibilidade e compreensão. À Ana Santos, pela força que me deu e revisão minuciosa que fez. À instituição Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e aos seus professores e alunos de maneira geral. Particularmente aos colegas que me acompanharam nesta viagem. Joana Eusébio, Andreia Quintais, Joana Pinto, Ana Paula, Roberto Ribeiro entre outros. Uma referência à Ana, minha ex-mulher, que também fez parte deste percurso e foi durante muito tempo uma ajuda inestimável. Um agradecimento também à instituição que me recebeu ‘O Nosso Jardim’ na pessoa da diretora Maria Luísa Gomes de Amorim.

Resumo

A importância de estudar práticas educativas concretas e os estilos educativos utilizados pelos pais no processo educativo dos seus filhos tem sido reconhecido por toda a comunidade científica, assim como as associações entre a vinculação e o desenvolvimento infantil. Esta investigação tem como objetivo estudar a relação entre a segurança da vinculação e as práticas parentais percebidas pela criança. Pretende-se também analisar a existência de diferenças em função das variáveis sociodemográficas. Este estudo foi elaborado com uma amostra de crianças do 4.º ano de escolaridade ($N = 42$) com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos. Os instrumentos utilizados foram: KSS (Kerns, Klepac, & Cole, 1996 adapt. de Correia, Freitas, Santos, & Veríssimo, 2011) que avalia a segurança da vinculação no pai e na mãe e EMBU-C (Canavarro & Pereira, 2007) que avalia as práticas educativas parentais percebidas pelas crianças através de dimensões como Suporte Emocional, Rejeição Parental e Tentativa de Controlo parental. Verificou-se a existência de uma correlação entre as dimensões Suporte Emocional e Rejeição Parental com a segurança de vinculação.

Palavras chave: vinculação, práticas educativas, crianças em idade escolar

Abstract

The importance to study the parental practices and styles in children educational process as well as the association between attachment and child development has been highly recognized among the scientific community. This academic research has the main goal of studying the relationship between attachment and parental practices in the children perspective. As a secondary goal it intends to evaluate the presence of statistical meaning regarding the socioeconomical variables. This research sample is composed by children of the 4th grade ($N = 42$) with an age range from 9 to 10 years old. The instruments used to comprehend this matter were KSS (Kerns, Klepac, & Cole, 1996 adapt. Correia, Freitas, Santos, & Veríssimo, 2011) which evaluates the attachment security from the father and mother and EMBU-C (Canavarro & Pereira, 2007) which evaluates the parental educational practices understood by children through various dimensions such as Emotional Support, Parental Rejection, and Parental Control. Correlation between Emotional Support, Parental Rejection was found with the attachment security.

Key Words: Attachment, parental practices, children of the 4th grade

Abreviaturas, siglas e símbolos

EMBU – Egna Minnen Beträffande Uppfostran

KSS – Kerns Security Scale

Índice

Introdução	11
Capítulo 1 – Vinculação	14
1.1. História da Teoria da Vinculação	14
1.2. Conceitos Específicos da Vinculação	15
1.3. Modelos Dinâmicos Internos	21
1.4. Desenvolvimento da Vinculação	23
1.5. Vinculação na Infância e na idade Adulta	24
1.6. Características na relação mãe-criança e relação pai-criança.....	25
1.7. Vinculação e Psicopatologia.....	26
Capítulo 2 – Práticas e Estilos Parentais	28
2.1. Parentalidade.....	28
2.2. Práticas Educativas e Estilos Parentais.....	28
2.3. Teoria de Baumrind (1960) – Estilos Parentais	29
2.4. Maccoby e Martin (1983) – O Modelo Quadripartido	30
2.5. Relação entre as Teorias de Baumrind (1960) e Maccoby e Martin (1983).....	31
Capítulo 3 – Estilos Parentais e Vinculação	32
3.1. Estilos Educativos Parentais e Qualidade da Vinculação em Período Escolar.....	32
3.2. Comportamento de Vinculação, Suporte Emocional e Rejeição.....	33
3.3. Objetivos.....	33
Capítulo 4 – Estudo Empírico	36
4.1. Amostra.....	36
4.2. Instrumentos	36
4.3. Procedimento	38
Capítulo 5 – Resultados.....	41
5.1. Análise Descritiva.....	41
5.2. Análise de Diferenças de Segurança de Vinculação e Práticas Educativas em Função das Variáveis Sociodemográficas	43
5.3. Correlação entre Práticas Educativas e Segurança de Vinculação	50
Discussão.....	53

Conclusão	59
Bibliografia.....	63
Apêndices	i
Anexos.....	iv

Índice de Tabelas

Tabela 1 Análise da Correlação Item-Total para KSS	41
Tabela 2 Análise da Distribuição da Amostra para o Kerns Security Scale.....	42
Tabela 3 Análise da Distribuição da Amostra para o EMBU-C.....	42
Tabela 4 Estatística Descritiva dos Valores de Segurança de Vinculação (KSS) e de Percepção de Práticas Parentais (EMBU-C).....	43
Tabela 5 Estatística Descritiva Valores de Segurança de Vinculação e de Percepção dos Cuidados Parentais em Função da Variável Género	44
Tabela 6 Estatística Descritiva e Análise de Diferenças (Independent Sample T-Test) dos Valores de Segurança de Vinculação e de Percepção dos Cuidados Parentais em Função da Variável Idade.....	44
Tabela 7 Estatística Descritiva e Análise de Diferenças (Oneway ANOVA) de Valores de Segurança de Vinculação e Percepção de Cuidados Parentais em Função da Variável com quem vive	45
Tabela 8 Estatística Descritiva e Análise de Diferenças (Oneway ANOVA) de Valores de Segurança de Vinculação e Percepção de Cuidados Parentais em Função da Variável Número de Irmãos	46
Tabela 9 Análise de Diferenças (Oneway ANOVA) para Dimensão Rejeição Paterna	47
Tabela 10 Análise Post-Hoc Tukey HSD da Dimensão Rejeição Paterna para a Variável Número de Irmãos	47
Tabela 11 Estatística Descritiva e Análise de Diferenças (Oneway ANOVA) de Valores de Segurança de Vinculação e Percepção de Cuidados Parentais em Função da Variável Posição na Fratria	50
Tabela 12 Correlação do KSS e do EMBU-C das Crianças.....	51

Índice de Gráficos

Gráfico 1 Valores Médios da Dimensão Rejeição Paterna em Função do Número de Irmãos	48
---	----

Introdução

A vinculação é uma característica fundamental no desenvolvimento do ser humano. Começa a ser desenvolvida desde o primeiro momento de vida e como tal as primeiras interações são de um enorme interesse para poder aspirar a uma melhor compreensão deste fenómeno e das suas ramificações. O relacionamento da vinculação com os estilos parentais é o primeiro passo lógico na medida em que são os prestadores de cuidados, nomeadamente na primeira infância, que servem de exemplo e lançam as bases e orientação para o modo como a criança vai desenvolver o seu estilo e forma de se vincular aos outros (Bowlby, 1982).

Na literatura, encontram-se variadas abordagens a este tema, que valorizam diferentes constructos teóricos em diferentes perspetivas (Darling, 1993). Algumas delas têm o foco no processo de socialização da criança e assinalam o facto do comportamento parental ter que contemplar duas dimensões: uma dimensão afetiva na qual a responsividade, suporte e afeto parental são as características com maior preponderância; e uma dimensão instrumental, na qual o controlo e a disciplina são ferramentas utilizadas na promoção de comportamentos que facilitem o cumprimento das regras e normas sociais e em que o objetivo é o de socializar a criança.

A teoria da vinculação desenvolve primordialmente o estudo da sensibilidade materna. A pertinência de estudar práticas educativas específicas bem como os estilos educativos utilizados pelos pais é útil na medida em que pode ajudar a explicar e compreender a qualidade na vinculação da criança, assim como os processos dinâmicos entre a vinculação e o desenvolvimento infantil (Minzi, 2006).

A importância de estudar práticas educativas concretas e os estilos educativos utilizados pelos pais no processo educativo dos seus filhos tem sido reconhecido por toda a comunidade científica e também algumas associações entre a vinculação e o desenvolvimento infantil. Com esta evolução científica têm-se verificado evidências na literatura que o estilo autoritativo é aquele que produz melhores resultados (Baumrind, 1966).

Neste estudo a sensibilidade materna e paterna são igualmente observadas de maneira a tentar perceber se ainda se mantém o paradigma no qual a influência materna tem primazia nos processos de desenvolvimento em oposição à influência paterna.

O principal objetivo é verificar se existem correlações entre os estilos parentais entendidos na perspetiva das crianças, com a qualidade da vinculação observada nas mesmas.

É esperado, de acordo com a literatura, que as crianças que indiquem estar expostas a um estilo parental maioritariamente de suporte apresentem uma vinculação tendencialmente mais segura.

O presente estudo está dividido em cinco capítulos: Capítulo 1 – Vinculação, onde se incluem temas como História da Teoria da Vinculação, conceitos específicos da vinculação, Modelos Dinâmicos Internos, desenvolvimento da vinculação, vinculação na infância e na idade adulta, características na relação mãe-criança e pai-criança e vinculação e psicopatologia; Capítulo 2 – Práticas e Estilos Parentais, onde são abordados tópicos como: parentalidade, práticas educativas e estilos parentais, estilos educativos parentais e alguns modelos e teorias de diversos autores como Baumrind, Maccobi e Martin; Capítulo 3 – Estilos Parentais e Vinculação, onde o tema de destaque são os estilos educativos parentais e a qualidade de vinculação em crianças de idade escolar e onde estão apresentados os objetivos da investigação; Capítulo 4 – Estudo Empírico onde se incluem a descrição da amostra, os instrumentos utilizados e o procedimento; e no Capítulo 5 – Resultados, incluem-se a análise descritiva, a análise de diferença de segurança de vinculação e práticas educativas em função das variáveis sociodemográficas e a análise de correlação entre práticas educativas parentais e segurança de vinculação. No final do capítulo 5 encontram-se a Discussão e respetiva Conclusão.

Este estudo tem um carácter correlacional do tipo transversal e as normas adotadas referentes às citações e referências bibliográficas estão de acordo com as normas APA e com as recomendações da ULHT.

Conceptualização Teórica

Capítulo 1 – Vinculação

1.1. História da Teoria da Vinculação

A história da vinculação, está vinculada, passe o pleonasmo, a John Bowlby. O seu nome completo era Edward John Mostyn Bowlby, nasceu em Londres a 26 de Fevereiro de 1907 e foi um psicólogo, psiquiatra e psicanalista. Bowlby pertencia a uma classe social alta e, como era habitual no seu contexto social, passou na sua infância pouco tempo com a sua mãe. Segundo o próprio estava apenas uma hora com ela depois do chá. A sua referência era uma ama que cuidou dele até aos 4 anos quando foi despedida e esse foi um episódio traumático. Mais tarde, aos sete anos de idade foi mandado para um colégio interno que, apesar de habitual nas famílias do seu *status* social foi uma experiência traumatizante. A propósito destes acontecimentos Bowlby disse um dia que não mandaria um cão com sete anos para um internato mas argumentava que esse costume poderia ter benefícios não só na formação da independência das crianças como também na relação dos pais com as mesmas, na medida em que por estarem sem elas durante parte do ano, isso poderia ter como consequência uma maior compreensão e gosto na altura em que estavam e proporcionar dessa forma momentos de maior qualidade. Este entendimento da sua própria infância dotou Bowlby de uma sensibilidade particular relativamente ao sofrimento das crianças e das suas origens e consequências (Dijken, 1998). As teorias psicanalíticas da altura e a sua própria experiência enquanto criança levaram-no a especializar-se na área da psicologia infantil e o seu trabalho nesse campo (Bowlby, 1973, 1988; Holmes, 1993), tornaram-no conhecido ainda hoje e provavelmente durante muito mais tempo como “o pai da teoria da vinculação”. Bowlby (2002) define vinculação como o vínculo que a criança tem com a sua mãe, constituído por uma quantidade de sistemas comportamentais dinâmicos que têm como objetivo principal a proximidade com a figura materna. O conceito de vinculação pode ser visto de uma forma ampla quando se refere ao estado e qualidade da vinculação de um indivíduo. No decorrer da introdução teórica o conceito de vinculação será mais aprofundado mas de uma forma sumária pode afirmar-se que a vinculação pode ser dividida em segura *vs.* insegura. A vinculação não é algo que se possa sentir em si, mas quando existe de facto um vínculo a uma figura considerada próxima e/ou importante, este vínculo é que pode ser considerado seguro ou inseguro, ou seja, as crianças podem vincular-se a figuras que são maltratantes e que não fornecem a devida sensação de segurança e de aconchego, criando vínculos evitantes, inseguros, etc. A título de exemplo, um indivíduo com uma vinculação insegura, pode ter uma mistura de sentimentos em relação à sua figura de

vinculação: um amor intenso e dependência, medo da rejeição e irritabilidade e vigilância (Holmes, 1993).

1.2. Conceitos Específicos da Vinculação

Mary Ainsworth foi pioneira a fazer um estudo empírico sobre a vinculação, intitulado “*Infancy in Uganda*” que consistiu na observação de 26 famílias com bebés até aos dois anos de idade, observação esta que era feita por um período de duas horas com uma regularidade de duas vezes por semana durante nove meses. O principal foco de observação incidia sobre os comportamentos de proximidade nomeadamente em relação à mãe. Segundo Ainsworth (1967), na totalidade foram definidos 16 critérios característicos para os bebés com uma aparente vinculação à mãe: choro diferenciado; sorriso diferenciado; vocalização diferenciada; choro quando a mãe se vai embora; seguir; orientação visual motora; cumprimento através do sorriso ou excitação geral; levantar os braços como cumprimento; bater palmas como cumprimento; brincar em cima da mãe; ‘enterrar’ a cara no colo da mãe; aproximar-se através da locomoção; envolver, abraçar, beijar; explorar a partir da mãe como base segura; fugir para junto da mãe como base segura; agarrar-se. Estes foram os primeiros comportamentos que Ainsworth nomeou como conceitos de vinculação uma vez que no seu entender eram observáveis e passíveis de avaliação. O seu conhecimento em etologia permitiu operacionalizar estes conceitos como ferramenta de estudo e alicerce de artigos científicos.

1.2.1. Comportamento de Vinculação

O comportamento de vinculação pode ser simplesmente definido por qualquer forma de comportamento que resulte na aproximação de uma outra pessoa tida como preferida. O comportamento de vinculação, de acordo com Holmes (1993) é despoletado pela separação ou ameaça de separação da figura de vinculação, conceito que irá ser explorado no ponto seguinte. O comportamento de vinculação termina ou é atenuado através da proximidade, que dependendo da natureza da ameaça, pode variar desde estar em plena vista, a proximidade física e palavras de apaziguamento sem existir toque, a estar nos braços da figura de vinculação e a ser confortado.

Os comportamentos de vinculação referem-se a dados observáveis. Os comportamentos mediadores de vinculação dividem-se em três categorias: orientação, sinalização e execução. No caso da orientação, trata-se do comportamento de seguir a mãe visualmente e até de oralmente tentar manter sempre a proximidade e a noção da sua localização (Ainsworth, 1967). A sinalização consiste nas ações de choro, riso, vocalizações, ações de

levantar os braços e equivalentes de modo a regular a proximidade (Ainsworth, 1967; Guedeney, 2004). A execução descreve os momentos em que a criança através dos seus próprios meios procura formas eficazes de se aproximar da mãe à medida que se vai desenvolvendo (Ainsworth, 1967).

Do mesmo modo que a vinculação é uma construção organizacional (West, 1994), os comportamentos de vinculação são aqueles que ajudam a manter o sistema de vinculação (Pereira, 2009). Sendo assim e devido à dificuldade de operacionalizar um conceito tão subjetivo como o da vinculação é conveniente observar e considerar qualquer tentativa de acesso a estes comportamentos por parte da criança como indicadores gerais que permitam operacionalizar este constructo (Bowlby, 1982). São cinco: (1) qualquer comportamento iniciador de interação, chamar, sorrir, abraçar etc.; (2) qualquer comportamento reativo ou responsivo face a uma interação da mãe que seja intensificador da manutenção da interação; (3) qualquer comportamento que previna a separação como o de chorar, amuar ou até negociar; (4) qualquer comportamento exploratório que tenha a mãe como referência; (5) qualquer comportamento de medo, tendo a mãe como referência, como por exemplo a ausência ou afastamento da mesma ou pressentir o medo da mãe pode ter essa mesma manifestação em si (Ainsworth, 1967). Esta noção de vinculação complexificou-se no decorrer dos anos e não se pode restringir apenas à descrição comportamental dos cinco esquemas de ação descritos anteriormente (Guedeney, 2004), e deve sim ser encarada como uma unidade funcional em que não é a especificidade do comportamento que conta mas sim a sua finalidade. Deste modo, qualquer comportamento que tenha a finalidade de promover proximidade é considerado um comportamento de vinculação (Guedeney, 2004).

1.2.2. Figura de Vinculação

A figura tradicional da vinculação é a figura materna. Ainda que os tempos estejam a mudar no sentido de cada vez mais haver uma distribuição equitativa das responsabilidades, por questões biológicas óbvias e especialmente na primeira infância esta regra, de um modo geral, mantém-se ainda hoje. A partir da base vinculativa materna a criança expande os seus afetos ao pai, avós e irmãos, e pode posteriormente escolher a sua principal figura de vinculação e as figuras subsidiárias ou alternativas de vinculação. A figura da vinculação será aquela em direção à qual a criança irá dirigir o seu comportamento (Guedeney, 2004).

1.2.3. Sistema de Vinculação

O sistema de vinculação pode ser considerado como uma planta ou um modelo onde o mundo onde o indivíduo e as pessoas significantes para si se interrelacionam e que compreendem um padrão particular de vinculação manifestado a nível individual (Holmes, 1993).

Ao conjunto de comportamentos de vinculação, Bowlby chamou de sistema de vinculação. Estes comportamentos são aqueles que têm como objetivo a proximidade à mãe, ou à figura que ocupar o seu lugar como principal figura de vinculação (Salvaterra, 2011) e de acordo com Guedeney (2004) estes podem ser descritos como o conjunto de quatro sistemas motivacionais: sistema de vinculação propriamente dito; sistema exploratório; sistema afiliativo; sistema medo angústia; e outro sistema.

1.2.3.1. Sistema de vinculação propriamente dito

Este sistema vai sendo construído através de uma aprendizagem que avança à medida do desenvolvimento do bebé, é único e diferente para cada criança, com a finalidade de estabelecer proximidade física com a figura de vinculação de acordo com o contexto e em termos gerais pode ser compreendido e ilustrado em três períodos distintos (Holmes, 1993; Guedeney, 2004):

(a) dos 0 aos 6 meses de idade onde se desenvolvem os processos de discriminação, com principal incidência nos últimos dois meses do período, algo que pode ser constatado com alguma facilidade. O bebé presta atenção aos sons e responde de forma diferente à voz da sua mãe, chora de forma diferente quando a mãe parte se comparado com outras pessoas a partirem e começa a levantar os braços em direção à mãe para “pedir colo”. A mãe, em troca, responde às pistas sociais e fisiológicas do bebé de uma forma que leva a que se estabeleça uma homeostase. Estabelece-se assim uma matriz interativa que é sentida como um conhecimento mútuo. Este é o cerne de uma vinculação mãe-bebé segura;

(b) no período dos 6 meses aos 3 anos de idade acionam-se os esquemas de vinculação baseados em sistemas de controlo ligados ao objetivo principal, que como se viu é o de proximidade à figura que ocupa o lugar principal de vinculação, normalmente a mãe, embora nesta segunda fase não seja necessariamente assim. A criança começa a aperceber-se das relações de causalidade e efeito;

(c) a partir dos 3 anos começa a existir reciprocidade na relação, a vontade própria da criança começa a manifestar-se e a compreender as intenções do outro e à medida que as suas

capacidades cognitivas aumentam isso vai permitir um afastamento progressivo e suportado da figura de vinculação.

1.2.3.2. Sistema exploratório

De acordo com Guedeney (2004) o segundo sistema motivacional é o sistema exploratório que está profundamente ligado ao sistema de vinculação propriamente dito. No sistema exploratório existem duas componentes importantes que são ativados e desativados por sinais antagonistas, a curiosidade e o domínio (*mastery*).

1.2.3.3. Sistema afiliativo

O sistema afiliativo está ligado a uma tendência biologicamente programada que contribui para a sobrevivência do indivíduo (Bowlby, 1982). Este sistema está ligado à construção da moralidade e da sociabilidade representando a motivação da criança para se envolver socialmente com os outros (Guedeney, 2004).

1.2.3.4. Sistema medo-angústia

Quando se aborda a capacidade de vigilância e de controlo do ajustamento a qualquer indício que destaque a presença de coisas ameaçadoras, e também qualquer resposta a estas indicações, está-se perante o sistema medo-angústia (Guedeney, 2004). Este sistema permite à criança avaliar o ambiente envolvente como securizante ou assustador e também reagir em conformidade tendo em conta a sua aprendizagem até então. O sistema medo-angústia partilha os mesmos ativadores com o sistema de vinculação que se encontram presentes no fim do primeiro ano de vida.

1.2.3.5. Outro sistema

O quinto sistema motivacional é um sistema bastante mais recente e muito pouco estudado por Bowlby, o sistema de *caregiving*. Bowlby (1988) define-o como sendo os comportamentos parentais que compreendem os cuidados físicos e afetivos prestados à criança. É um sistema constituído por comportamentos coordenados que compreendem objetivos específicos e uma função adaptativa: é recíproco com o sistema de vinculação e a sua função de adaptação é a proteção das crianças (Rabouam & Moralès-Huet, 2004).

1.2.4. Laço de Vinculação

O laço de vinculação refere-se às ligações emocionais entre as pessoas quando estas se relacionam de uma forma mais íntima com os outros (Guedeney, 2004). Existe uma diferença entre laço de vinculação e ligação de vinculação (do inglês *bond*): “o laço de vinculação dirige-

se do mais fraco para aquele que o protege, enquanto que o *bond* é o sentimento que aquele que presta os cuidados tem, de estar ligado à criança de que se ocupa” (Guedeney, 2004, p. 38).

1.2.5. Padrões de Vinculação

Os padrões de vinculação serão determinados pela atitude da mãe, nomeadamente pela demonstração de sensibilidade perante o filho (Ainsworth, 1967). Numa tentativa de confirmar cientificamente e de poder elaborar critérios específicos de vinculação, Mary Ainsworth realizou a conhecida experiência “Uma situação estranha¹” (Ainsworth *et al. cit in* Holmes 1993). Um dos objetivos desta experiência era o de identificar como a criança iria reagir em relação à separação e ao reencontro com a sua mãe assim como evidenciar diferenças individuais no *coping* e no *stress* da separação (Bretherton, 1992; Holmes, 1993). Desta forma, segundo a autora era possível avaliar a segurança da vinculação.

Ainsworth utilizou três tipos de avaliação: (1) frequência de comportamentos específicos em cada um dos episódios; (2) comportamento do bebé com a figura de vinculação através de quatro escalas de comportamentos interativos, sendo estes a procura de contacto e estabelecimento de proximidade, a manutenção do contacto, a resistência e o evitamento; (3) classificação dos bebés de acordo com os padrões de comportamento (Soares, 2007).

A partir da observação das diferentes reações à experiência foi possível para Ainsworth, inicialmente, identificar e classificar três padrões de vinculação (Holmes, 1993; Soares, 2007) que ainda hoje são utilizados: tipo A – inseguro /evitante; tipo – B seguro; tipo C – inseguro/resistente ou ambivalente. Através da sua experiência e numa fase posterior identificou um outro padrão comportamental (Holmes, 1993), a vinculação insegura/desorganizada.

Uma criança com um padrão de vinculação tipo B (seguro) mostra-se segura e com vontade de explorar a sala na presença da mãe, chora quando a mãe sai e não se tranquiliza com o estranho e recebe a mãe tranquilizando-se rapidamente quando esta volta à sala (Salvaterra, 2011). Estas crianças por norma reagem sob a forma de sofrimento na situação de separação e quando se reencontravam com a mãe recebiam o conforto que desejavam e passavam para um estado mais excitado e de brincadeira (Holmes, 1993).

¹ A experiência de Ainsworth, “*The Strange Situation*” consistia numa sessão de 25 minutos onde uma mãe e a sua criança de 1 ano de idade eram colocadas numa sala com brinquedos juntamente com o experimentador. Era pedido à mãe para sair da sala por 3 minutos deixando a criança com o experimentador. Assim que a mãe regressa à sala a mãe e a criança reencontram-se. Após este reencontro tanto a mãe como o experimentador saem da sala por 3 minutos deixando a criança sozinha. Todo este procedimento era gravado em vídeo.

O comportamento de uma criança com um padrão de vinculação tipo A (insegura/evitante) no contexto da experiência elaborada por Ainsworth seria de uma criança que trataria o estranho com a mesma ou ainda maior familiaridade do que a mãe, sendo que a presença da mãe não lhe traria confiança, nem a sua ausência angústia, ou o seu retorno contentamento (Salvaterra, 2011). Estas crianças demonstram poucos sinais de sofrimento aquando da separação e ignoram a sua mãe no reencontro, especialmente na segunda ocasião quando se esperava que o *stress* fosse maior (Holmes, 1993).

Uma criança com o padrão de vinculação tipo C (inseguro/resistente) não se sente confiante para explorar a sala na presença da mãe, chora e reclama quando esta se afasta mas quando a mãe regressa à sala não se acalma rapidamente e dá sinais de estar zangada com a mãe, e embora não se afaste dela recusa contacto físico (Salvaterra, 2011). É muito relutante a interagir com estranhos mesmo na presença da mãe (Salvaterra, 2011). Estas crianças demonstram um elevado grau de sofrimento devido à separação e têm dificuldade em se acalmar no reencontro com a mãe (Holmes, 1993). Procuram contacto mas resistem ao pontapearem, virando-se para outro lado, atirando ou afastando os brinquedos que lhes eram colocados na frente (Holmes, 1993).

Para cada tipo de vinculação, as crianças desenvolvem um modelo dinâmico interno de relacionamento proximal baseado nas suas primeiras experiências com as mães ou cuidadores (Sroufe, 1997; Ayoub, Fischer, & O'Connor, 2003; Bretherton & Munholland, 2008). No ponto 1.3 será desenvolvido este tema dos modelos dinâmicos internos.

As crianças com uma vinculação insegura/desorganizada, demonstram um leque vasto de comportamentos confusos incluindo o de ficarem completamente parados ou com movimentos estereotipados quando se reencontram com a figura materna (Holmes, 1993).

De referir que este *setting* da situação estranha só permite observar crianças entre um e dois anos de idade uma vez que com o processo de crescimento posterior a esta idade a criança vai-se habituando à socialização gradual com estranhos assim como à inevitável separação progressiva da mãe e por isso a angústia gerada por estes eventos vai diminuindo tornando-se mais difícil de avaliar (Salvaterra, 2011).

Um fator interessante nos padrões de vinculação foi a tendência verificada através da hipótese de que as crianças com mães com características de padrão de comportamentos promotores de uma vinculação segura, teriam uma predisposição a serem sensíveis a cuidadores responsáveis. Deste modo, cuidadores sensíveis, dialogantes, empáticos e que estimulem as crianças são agentes determinantes e propiciadores de uma vinculação segura (Shaffer & Kipp,

1999), pelo que o exemplo é determinante para o desenvolvimento e a escolha de modelos de padrões de vinculação e começa a ser aprendido pelas crianças desde o primeiro momento.

1.3. Modelos Dinâmicos Internos

A um nível mais interno, no que diz respeito à vinculação, o foco pode centrar-se sobre as representações. Miljkovitch (2004), acerca dos modelos dinâmicos internos, descreve-os como sendo modelos que o bebé desenvolve na relação com os familiares que o rodeiam para o ajudar a interpretar e compreender o comportamento desses mesmos familiares. Estas representações serão a princípio bastante embrionárias mas na sua interação com o exterior, o bebé, através destes modelos, desenvolve a capacidade de antecipar as reacções do outro e assim vai aprendendo a relacionar-se com o mundo. Deste modo, a criança vai formando um modelo de si ao mesmo tempo que forma um modelo acerca do outro. O modelo de si corresponde a uma imagem de si merecedora de ser amado, e o modelo do outro corresponde à sua percepção dos outros como estando mais ou menos sensíveis às suas necessidades. Estes modelos começam a surgir após os 18 meses de idade simultaneamente com a capacidade de reconhecer e procurar um objeto desaparecido. É importante referir que os modelos dinâmicos internos ocorrem a um nível interno e são processos inconscientes.

O modelo dinâmico interno de cada criança segue um esquema emocional para as interações proximais, com uma ou duas emoções dominantes nesse esquema (Fischer & Bidell, 2006). Segundo estes autores, os modelos dinâmicos internos vêm a ter bastante preponderância no desenvolvimento da criança, especialmente no que diz respeito a relações próximas mas também em outros aspetos da vida.

Os bebés que crescem numa relação com uma vinculação segura constroem os seus modelos primariamente em torno de emoções como o amor, confiando que as suas mães sejam responsivas e disponíveis, dando-lhes independência e permissão para explorar o mundo à sua volta, encaram-se como merecedores de afecto e tendem a ver os outros como responsivos e apoiantes (Dwyer, 2005; Bosmans, Braet, Leeuwen, & Beyers, 2006; Fischer & Bidell, 2006). Os bebés que crescem com uma vinculação evitante constroem os seus modelos em torno do amor e do medo de rejeição, aprendendo que apesar das suas mães tomarem conta de si, por vezes estas rejeitam os afetos e a aproximação dos seus bebés. Os bebés que crescem com uma vinculação do tipo ambivalente desenvolvem os seus modelos em torno do amor e da raiva. Verificam ainda que algumas vezes as suas mães tomam conta de si mas que as suas ações revelam ser severas e inconsistentes o que leva a que estes bebés se tornem hipervigilantes acerca da vinculação e fiquem zangados face à restrição. Os bebés que crescem com uma

vinculação do tipo desorganizado respondem de forma inconsistente aos seus prestadores de cuidados e frequentemente têm um historial de maus tratos. Os bebés caracterizados pelo padrão de vinculação menos seguro encaram-se como não merecedores de afeto e tendem a ver os outros como rejeitantes, não responsivos ou inacessíveis e não confiáveis (Dwyer, 2005; Bosmans, Braet, Leeuwen, & Beyers, 2006).

Diversos estudos longitudinais revelaram encontrar alguma estabilidade em termos da vinculação, com correlações moderadas no tipo de vinculação ao longo dos anos com evidências claras de mudanças em bastantes crianças (Fraley & Shaver, 2000; Waters, Merrick, Treboux, Crowell, & Albersheim, 2000; Cassidy & Shaver, 2008).

À medida que a criança vai construindo e integrando os seus próprios modelos, vai desenvolvendo estratégias que visam promover a vinculação utilizando comportamentos que permitam manter a mãe perto de si (Miljkovitch, 2004). Conforme a eficácia destas estratégias primárias a criança irá adaptar o seu comportamento de acordo com a possibilidade de voltar a ter o contacto com a mãe (Miljkovitch, 2004).

Em termos de organização defensiva e cristalização destes modelos dinâmicos internos, inspirando-se nas concepções de acomodação e de assimilação de Jean Piaget, Bowlby (1973) esclarece que os modelos dinâmicos internos vão ajustar-se às interações vividas e que as novas experiências assimilam-se ao modelo existente, ainda que a correspondência seja imperfeita. Colocado o modelo em ação, a criança passará a ter a propensão de experienciar o mundo através do seu filtro podendo isto levá-la a processar a informação enviesadamente. Isto terá mais tendência a acontecer em meios novos uma vez que ao mudar de meio a criança terá que testar o seu modelo dinâmico interno e ajustá-lo. Por exemplo, uma criança que sofreu maus tratos e que é colocada numa família securizante e protetora, possui um modelo para as suas primeiras figuras de vinculação que pode levar a uma má orientação com as segundas figuras de vinculação.

Uma criança com uma vinculação segura irá armazenar o seu modelo dinâmico interno acerca do seu prestador de cuidados como sendo responsável, confiável e que merece amor e atenção, possibilitando assim a transposição deste modelo para todas as outras relações (Holmes, 1993). Em oposição uma criança com uma vinculação insegura tem tendência a observar o mundo como sendo um lugar perigoso onde as pessoas devem ser tratadas com uma enorme precaução e vê-se a si mesma como ineficaz e não merecedor de amor. Este tipo de assunções quando se tornam relativamente estáveis e interiorizadas são mais difíceis de serem modificadas pelas experiências subsequentes (Holmes, 1993).

1.4. Desenvolvimento da Vinculação

Para compreender o desenvolvimento da vinculação, Bowlby (1982) distinguiu quatro fases, que apelidou de: i) Orientação e sinais com baixa discriminação da figura; ii) Orientação e sinais dirigidos para uma ou mais figuras discriminadas; iii) Manutenção da proximidade a uma figura discriminada por meios de locomoção e sinais; e iv) Formação de uma parceria orientada para o objetivo corrigido.

- i. Durante a primeira fase a capacidade de discriminação dos bebés está limitada aos estímulos auditivos e olfativos. Esta fase dura desde o nascimento até aproximadamente às doze semanas de idade. Os bebés iniciam de forma involuntária as interações sociais e à medida que este comportamento vai provocando reações e respostas dos prestadores de cuidados, ou da prestadora de cuidados principal que rapidamente se tornará a figura principal de vinculação, o bebé vai começando a responder, também ele aos estímulos, aumentando assim a probabilidade de contacto com outras pessoas e promovendo o afeto, nutrição e contacto físico. A forma como o bebé dirige o seu comportamento às pessoas está orientado para elas, seguindo os movimentos dos olhos, esticando-se e agarrando, sorrindo e balbuciando;
- ii. Durante esta fase o bebé continua a dirigir o seu comportamento às pessoas da mesma forma amigável que na fase anterior mas apresenta uma atenção mais demarcada para com a figura da mãe em detrimento de outras figuras. A sua resposta diferenciada aos estímulos auditivos não deverá ser observável antes das quatro semanas de idade e as respostas a estímulos visuais antes das dez semanas de idade. Esta fase dura aproximadamente até aos seis meses de idade;
- iii. Durante esta fase o bebé exhibe um crescente repertório de respostas diferenciadas que incluem a partida da mãe, a saudação à sua mãe quando ela regressa e utiliza-a como uma base para explorar o ambiente. Concomitantemente as respostas indiscriminadas e amistosas a todas as pessoas desaparecem e a criança exhibe uma seleção e uma preferência para com as figuras de vinculação. A pessoa estranha é tratada de uma forma cuidadosa e mais tarde ou mais cedo desencadeará uma resposta alarmada ou de retração. Durante esta fase os sistemas que medeiam o comportamento do bebé com a sua mãe começam a tornar-se mais organizados e dirigidos a objetivos sob a forma tentativa erro corrigindo-se ao longo do tempo. É também nesta fase que a vinculação à figura da mãe se torna clara e evidente perante todos. Esta fase tem início perto dos seis a sete meses de idade e por norma dura até ao início do primeiro ano;

- iv. Durante a terceira fase a criança através dos seus sistemas de organização simples vai desenvolvendo o seu mapa cognitivo primário. Neste mapa a figura da mãe é concebida como um objeto independente, persistente no tempo e no espaço. Ao observar o comportamento da mãe e o que o influencia, o bebé começa a inferir os objetivos da sua mãe e por vezes quais as estratégias que adota para os atingir. Deste ponto em diante o bebé cria uma imagem do mundo mais sofisticada o que leva o seu comportamento a ser mais flexível ou, por outras palavras, “a criança adquire um *insight* dos sentimentos e motivos da sua mãe²”.

Relativamente a estas fases definidas por Bowlby (1982) e resumindo a opinião de alguns autores pode-se destacar o seguinte: Na primeira fase, embora a capacidade de discriminação do bebé seja muito limitada, ele distingue pessoas de objetos e exibe um comportamento pró-social, reagindo à voz humana e reconhecendo as caras (Salvaterra, 2011); Na segunda fase, quando através da locomoção e sinais a criança tenta manter a proximidade e interações com uma ou mais figuras discriminadas, a criança pode iniciar interações, e deste modo aumentar e aprofundar a relação com o prestador de cuidados principal (Soares, 2007); Na terceira fase, o bebé já elegeu a sua figura de prestação de cuidados principal, já a reconhece e inicia interações com a mesma e as mudanças a nível cognitivo, de organização dos sistemas comportamentais e as próprias vocalizações aparecem no sentido de aproximação à figura principal de vinculação (Soares, 2007); na quarta e última fase, a partir de um ano de idade, verifica-se que com a formação de uma relação recíproca e com o cumprimento dito normal das três fases anteriores, a criança começa a perceber que existe o ponto de vista do outro e que as suas ações têm consequências. A par disto adquire uma maior capacidade para aceitar separações mais prolongadas da figura ou figuras de vinculação (Soares, 2007).

1.5. Vinculação na Infância e na idade Adulta

A vinculação enquanto sistema comportamental mantém-se ao longo do desenvolvimento natural do ser humano, desde o nascimento até à morte. Por ser um desenvolvimento dinâmico, com singularidades inerentes a cada pessoa e por se estender ao longo do tempo é difícil avaliar e categorizar a capacidade do comportamento de vinculação ao longo do seu desenvolvimento. Bowlby (1982) aventou a hipótese de que a fase do

² Do original “*a child is acquiring insight into his mother's feelings and motives*” (Bowlby, 1982, p. 268).

comportamento corrigido para o objetivo seria a última do desenvolvimento da vinculação. Na idade pré-escolar as figuras de vinculação já escolhidas pela criança servem como bases de segurança e a partir deste ‘porto seguro’ as crianças começam a utilizar outros adultos e os seus pares para se sentirem protegidos (Salvaterra, 2011).

A vinculação nos adultos está relacionada em primeiro lugar com o seu sistema de vinculação já estabelecido, enquanto crianças, e, como foi referido, este sistema não é estático e apesar das suas bases terem fundações sólidas e os padrões adquiridos serem difíceis de mudar, o sistema de vinculação é dinâmico e os acontecimentos específicos do período em que alguns acontecimentos marcantes tais como o fim da escolaridade, início da atividade profissional, autonomia financeira, procura de parceiro, casamento e parentalidade, se tornam aspetos importantes nesta fase do ciclo da vida e como tal são simultaneamente consequência e origem de antigos processos de vinculação e criação de novos, respetivamente (Salvaterra, 2011).

As relações estabelecidas pela criança com as suas figuras de vinculação nos estágios iniciais da mesma podem ser entendidas como protótipos das relações íntimas na idade adulta. Por outras palavras, não podemos medir exatamente a importância ou o carácter definitivo de uma vinculação satisfatória ou insatisfatória, mas podemos dizer que existe uma correlação inequívoca entre a qualidade da organização da representação e os comportamentos específicos de vinculação (Lima, Vieira, & Soares, 2006).

Existe portanto uma correspondência entre os laços criados por um adulto e o seu estilo de vinculação enquanto criança, ou seja, a história das relações com as primeiras figuras de vinculação deverá produzir um estilo característico no seu envolvimento, a maneira como cria, lida e termina as suas relações íntimas (Hagan, 1994).

Deste modo a teoria da vinculação apresenta e valoriza a relação da criança com as suas figuras de vinculação como uma matriz a partir da qual vão ser construídos conhecimentos e expectativas de si próprio e dos outros e a criação de qualidades emocionais como a empatia, pensar no outro, entre uma série de outras aprendizagens fundamentais para uma integração conveniente na sociedade. É esta vinculação precoce que orienta e serve de ‘fio-de-prumo’ para o funcionamento interpessoal e com uma grande influência no estabelecimento das relações íntimas (Soares, 2007).

1.6. Características na relação mãe-criança e relação pai-criança

A relação mãe-criança é tradicionalmente considerada a mais relevante no desenvolvimento da mesma e isso sempre foi reconhecido socialmente, psicologicamente e até

mesmo juridicamente. No campo da psicologia, em 1999 já se escrevia e considerava que esta premissa, da relação privilegiada da mãe em contrapartida ao pai, tem vindo a perder relevância, porque os papéis profissionais já não são, de modo algum, uma característica masculina. (Canavarro M. C., 1999). Hoje em dia, mais de uma década depois, isso é cada vez mais verdade, não só pelo facto de ambos terem carreiras profissionais, mas também por uma questão de mudança de mentalidade que permite, sem complexos, que as figuras parentais masculinas também forneçam cuidados parentais. Em 1991, já uma meta análise realizada por Fox, Kimmerly e Schafon, constituída por 11 estudos que avaliam a concordância da vinculação entre mãe e pai para com a criança, revelou que a qualidade da vinculação (insegura ou segura) depende da mesma qualidade de vinculação da figura paternal complementar e deste modo a probabilidade da criança vir a construir o seu tipo de vinculação igual ao das figuras parentais dando predominância a uma importância equivalente aos progenitores, é bastante elevada.

1.7. Vinculação e Psicopatologia

É com base na noção dos modelos dinâmicos internos de vinculação, construídos a partir das experiências de vinculação, algumas das quais já foram referidas, que a vinculação ao longo da vida foi compreendida e transformada em mais um objeto de estudo no âmbito da psicologia. Com estas experiências foi possível entender-se a influência da vinculação no desenvolvimento sócio emocional do indivíduo, o modo como vê o mundo, a maneira como lida com os obstáculos ao longo do seu caminho e as estratégias comportamentais da vinculação.

Estas estratégias podem dividir-se como primárias ou secundárias, sendo que as primeiras são sensíveis ao contexto e às suas condições de ativação e as segundas tentam minimizar ou manipular as respostas não adaptativas do sistema comportamental principal, substituindo-as por outras biologicamente preferíveis por aumentarem a eficácia reprodutiva (Soares, 2007).

Estas estratégias, nomeadamente as secundárias, são desenvolvidas para fazer face à angústia perante a disponibilidade ou não da figura de vinculação. Por exemplo, uma antecipação de uma futura rejeição que a criança sente face ao cuidador pode originar uma desativação dos processos de vinculação, ou mesmo um conjunto de estratégias que apontam nesse sentido. Este tipo de estratégias por se passar num estágio posterior do desenvolvimento da vinculação é mais diverso de indivíduo para indivíduo. As expressões sintomáticas são diferentes e podem ser englobadas em duas formas distintas, ambas muito abrangentes, de lidar com essa angústia. São elas: estratégias de desativação, que procuram excluir os sinais de

perturbação e os seus sintomas de forma a cumprir uma função de distração, diminuindo quer a vulnerabilidade pessoal, quer a necessidade de receber suporte; estratégias de hiperativação que tendem a amplificar os sinais de perturbação num esforço mal adaptativo e prolongado para obter a atenção e o conforto à figura de vinculação (Kabak, 1994).

Ainda neste âmbito da psicopatologia e vinculação convém referir o conceito de desorganização da vinculação. Como o próprio nome indica, refere-se ao falhanço das estratégias organizadas, nomeadamente os tipos, seguro e inseguro. Um exemplo típico desta problemática é a criança que é alarmada pelo comportamento da própria figura de vinculação e não pelas habituais condições da situação externa. Deste modo, uma vez que a criança procura a proximidade da figura de vinculação quando está alarmada, comportamento típico da estratégia segura, mas ao mesmo tempo esta mesma figura é a fonte do estado de alarme e não pode afastá-la da sua atenção, que caracteriza a estratégia insegura, isto deixa-a numa situação de não-solução. (Soares, 2007) Estas situações de desorganização da vinculação podem prejudicar o desenvolvimento destes sistemas ao longo do seu ciclo de vida, influenciando a postura dos pais, as práticas e os estilos educativos com as crianças de tal forma que estas acabam por mais tarde influenciar a sua própria descendência, tornando uma patologia pessoal num sintoma familiar e perpetuando um ciclo vicioso (Bowlby, 1982; Soares, 2007).

A capacidade de estabelecer vínculos afetivos ao longo da sua existência é uma característica tão típica dos mamíferos como as capacidades de ver, ouvir, comer e digerir. É lógico supor que a capacidade de vinculação tenha um valor de sobrevivência para a espécie tão grande como qualquer um dos exemplos dados. É crucial para um psicólogo, considerar que muitos dos distúrbios psiconeuróticos e da personalidade nos seres humanos são um reflexo de um distúrbio da capacidade de estabelecer vínculos afetivos, como consequência de uma falha no desenvolvimento na infância ou de um transtorno subsequente (Bowlby, 1982).

Capítulo 2 – Práticas e Estilos Parentais

2.1. Parentalidade

Como foi referido a parentalidade está na origem do processo de vinculação e são os prestadores de primeiros cuidados que têm o ónus de orientar e servir de modelo de exemplo e comportamento, para o bem e para o mal, da educação da criança. Os aspetos influenciadores mais determinantes são as características de personalidade do pai e da mãe, a presença de psicopatologia, o nível da educação, as dificuldades económicas e a instabilidade familiar (Werner, 2009).

Como foi visto, diversos autores reconhecem que as práticas parentais exercem uma profunda influência no desenvolvimento psicossocial da criança e na maneira como esta, quando chegar a altura, vai exercer a sua própria parentalidade perante os seus filhos.

Este processo vai estar intimamente relacionado com o estilo rígido ou permissivo de parentalidade dos pais. Este estilo não deve ser visto independentemente do modelo cultural de cada um, ou mesmo dos seus traços de personalidade, uma vez que estes são também fatores poderosos de influência no processamento da dinâmica familiar, dando deste modo relevo à família como uma ‘ponte’ entre o individual e o social (Boeckel, 2005).

2.2. Práticas Educativas e Estilos Parentais

A noção de práticas parentais refere-se ao processo maturativo que conduz à reestruturação psicoafectiva de dois adultos, a fim de que possam cumprir as suas funções parentais sendo que estas deverão cuidar e dar resposta às necessidades físicas, afetivas e psicológicas dos filhos, com vista ao seu pleno desenvolvimento (Simões, Farate, & Pocinho, 2011).

É conveniente, para um melhor entendimento, distinguir entre estilo e práticas parentais. O estilo parental corresponde a um padrão de comportamento parental expresso num clima emocional criado pelo conjunto das atitudes dos pais, nomeadamente as práticas parentais e aspetos mais subjetivos da sua interação com as crianças como o tom de voz, a linguagem corporal, o descuido, mudanças de humor, entre outros (Darling, 1993).

As práticas parentais têm sempre em vista a socialização e devem ser vistas como estratégias com o objetivo de reforçar de maneira positiva os comportamentos considerados adequados e de maneira negativa os comportamentos considerados inadequados.

Os estilos parentais são mais rígidos que as práticas, uma vez que são menos variáveis e caracterizados pela preponderância de alta ou baixa responsividade e exigência, envolvem as

atitudes, as práticas educativas e as expressões que caracterizam a natureza das interações parentais (Baumrind, 1966).

Conforme a criança evolui no seu ciclo vital, a dinâmica da relação com os pais assim como a sensibilidade parental sofrem alterações e consequentemente assumem características diferentes. Como uma ciência em evolução, também a área da parentalidade tem definido e redefinido características do comportamento parental que podem melhor contribuir para o desenvolvimento das crianças em idade escolar. Pressupõe-se que uma parentalidade sensível é aquela que encoraja a autonomia psicológica da criança e, em simultâneo, monitoriza as suas atividades, estabelecendo limites adequados à idade da criança num quadro de envolvimento afetivo (Karavasilis *et al. cit in* Simões, 2011).

De um modo geral, em algumas investigações (Dishion & McMahon, 1998) a dimensão suporte/afeto está relacionada de forma positiva com o desenvolvimento da criança em vários domínios, promovendo a internalização e obediência tal como as competências necessárias à socialização. Esta dimensão, suporte/afeto, está associada ao surgimento de menos problemas de ordem emocional e comportamental. Neste sentido, os estilos parentais que se caracterizam por suporte/afeto transportam consigo alguns benefícios no desenvolvimento da criança como: promoção de competências sociais; promoção de competências cognitivas; maior autoestima; existência de menos problemas de comportamento; melhor desempenho escolar; comportamento pro-social e uma vinculação mais segura.

Por outro lado, os estilos parentais com uma maior predisposição à rejeição e ao controlo, nomeadamente e de maneira reforçada ao controlo psicológico, têm uma correlação positiva a resultados mais negativos na criança, especificamente na manifestação de mais problemas de internalização e externalização expressos em resultados negativos assim como uma vinculação mais insegura (Muris, Meesters, & van den Berg, 2003; Pereira, Canavarro, Cardoso, & Mendonça, 2009).

2.3. Teoria de Baumrind (1960) – Estilos Parentais

Diana Blumberg Baumrind foi a mais velha de duas filhas de Hyman e Mollie Blumberg, um casal de judeus Nova-Iorquinos. Sob a influência de uma tia, Isadore Blumberg, que era ativista política, Diana Baumrind construiu para seu lema “*to empower the disenfranchised and underrepresented*”. Formou-se em psicologia e filosofia em 1948 no *Hunter College* em Nova Iorque.

Em 1960 inicia o seu trabalho ao nível do comportamento parental e da competência da criança em famílias consideradas saudáveis, à luz das teorias psicanalíticas, nomeadamente

a do desenvolvimento psicosssexual, e conclui que o comportamento parental deve ser orientado segundo uma disciplina permissiva. Baumrind encara o aspeto do comportamento parental como um constructo em que todas as ‘peças’ têm influência no desempenho das outras, todos os aspetos são importantes, estão interligados e dependem da configuração uns dos outros (Pereira, 2009).

Através do seu estudo, Baumrind define três categorias a que chama de padrões de comportamento. Nomeia-os de autoritário, apoiante com autoridade ou autoritativo e permissivo.

O padrão autoritário pode ser descrito como aquele em que os pais já possuem regras estabelecidas e procuram moldar, controlar e avaliar o comportamento da criança, ou seja, um padrão rígido de comportamentos. Pais que valorizam a obediência como virtude e recorrem a medidas punitivas quando o comportamento da criança entra em conflito com os padrões de comportamento considerados aceitáveis (Pereira, 2009). Na essência, contrariando um ensinamento de António Coimbra de Matos, psicanalista português que advoga que “o dever das crianças é desobedecer aos pais, senão seriam animais domésticos.”

No padrão apoiante com autoridade, ou pais autoritativos, a tendência dos pais é a de serem mais abertos ao diálogo conjugando essa característica com um controlo firme nos pontos de divergência (Baumrind, 1966).

Os pais autoritativos valorizam atributos expressivos e instrumentais e valorizam, simultaneamente, a vontade própria e a conformidade à disciplina. Demonstram afeto, são apoiantes, responsivos cognitivamente e empenhados e por isso estabelecem um ambiente desafiador devido à abundância de estímulos e valorização da autoestima (Cruz, 2011).

Em terceiro lugar, no padrão permissivo, assumem uma postura não punitiva e recetiva perante os desejos da criança. São logicamente menos controladores que os pais que representam o padrão autoritário ou autoritativo. Os pais do padrão permissivo observam-se a si mesmos como um recurso que a criança pode utilizar como entender e não como um agente ativo e responsável por moldar e alterar o seu comportamento presente e futuro. A maior arma destes pais é a razão e o diálogo para atingirem os seus objetivos e nunca a utilização de poder (Baumrind, 1966).

2.4. Maccoby e Martin (1983) – O Modelo Quadripartido

Em 1983, a dupla de autores, Maccoby e Martin baseados nas publicações, mais concretamente, nos modelos de Baumrind e fazendo a intersecção com as anteriores tentativas

de definição do comportamento parental, enunciam as duas principais dimensões do comportamento parental, sendo estas a responsividade e a exigência (Pereira, 2009).

A exigência define os padrões de imposição de regras e a exigência do cumprimento das mesmas. A responsividade define os padrões de afeto, como o carinho a responsividade e envolvimento, bem como a responsabilidade de intervenção mantendo simultaneamente um diálogo e uma exigência para com os filhos (Weber, 2003).

Esta classificação dá origem a quatro padrões parentais educativos. Incorporando os três padrões definidos por Baumrind e um quarto, denominado de Indiferente/Não Envolvido, no qual o prestador de cuidados não tem qualquer envolvimento com a criança e chega mesmo a assumir a forma de negligência.

2.5. Relação entre as Teorias de Baumrind (1960) e Maccoby e Martin (1983)

Na intersecção destas duas teorias encontramos semelhanças, o que é natural uma vez que a classificação de Maccoby e Martin (1983) foi inspirada na classificação de Baumrind, mas também algumas diferenças entre elas. A classificação de Maccoby e Martin não capta as diferenças qualitativas dos estilos parentais propostos por Baumrind. Por exemplo, características importantes como a autonomia e a coerção são descuradas porque estes autores avaliam apenas a responsividade e a exigência (Darling, 1993).

Pode dizer-se, a título de exemplo que ilustre a diferença entre estes dois modelos, que na classificação de Maccoby e Martin tanto o estilo apoiante com autoridade como o autoritário pontuam níveis mais elevados na dimensão da exigência. Por outro lado, a classificação de Baumrind dá um foco distinto à natureza da exigência, nomeadamente quando distingue dois aspetos diferentes, restrição (semelhante ao controlo psicológico) e controlo firme (semelhante ao controlo) (Pereira, 2009).

Capítulo 3 – Estilos Parentais e Vinculação

3.1. Estilos Educativos Parentais e Qualidade da Vinculação em Período Escolar

Pode associar-se a vinculação segura a uma história familiar favorável juntamente com um estilo educativo com predominância do suporte, bem como afeto, responsividade às necessidades da criança e contingência na resposta aos seus comportamentos mas em paralelo promotor da autonomia psicológica (Karavasilis; Mayseless; Sánchez *cit in* Simões, Farate, & Pocinho, 2011).

No outro prato da balança, a vinculação insegura é normalmente associada a níveis mais baixos de comportamento parental autorizado, ou seja, maior utilização da rejeição e da sobreproteção e menor utilização de suporte e afeto (Muris, Meesters, & van den Berg, 2003; Roelofs, Meesters, ter Huurne, Bamelis, & Muris, 2006; Roelofs, Meesters, & Muris, 2007).

Foi em 1973 que Bowlby foi pioneiro ao fazer a ligação entre a vinculação segura e os estilos educativos parentais de Baumrind, e nessa altura considerou o estilo autoritário como o mais indicado na promoção de uma vinculação segura (Page e Bretherton *cit in* Simões, Farate, & Pocinho, 2011). Assim, foi proposto por Bowlby uma relação entre um ambiente familiar caracterizado por controlo parental excessivo e sobreproteção e o surgimento de diversos problemas ansiogénicos, enquanto associava um estilo parental caracterizado pelo suporte e pelo afeto na relação com a criança a uma vinculação segura e a resultados de desenvolvimento mais benéficos (Bowlby, 1973).

De acordo com estudos que utilizam o EMBU para avaliar o comportamento parental, estes revelam uma correlação positiva entre a vinculação insegura e níveis reduzidos de comportamento parental autorizado (Roelofs, Meesters, & Muris, 2007). Deste modo, verifica-se que crianças inseguras demonstram níveis mais elevados de rejeição parental e sobreproteção e, por outro lado, níveis reduzidos de suporte/afeto parental (Muris, Meesters, & van den Berg, 2003)

Aparentemente o suporte parental pode ser considerado como preditor do ajustamento emocional da criança/adolescente, nomeadamente nos períodos de transição de vida da criança, especificamente e a título de exemplo, a sua entrada para a escola (Minzi, 2006).

3.2. Comportamento de Vinculação, Suporte Emocional e Rejeição

Num estudo realizado por Simões S. C. (2011) observou-se que nas famílias monoparentais ocorrem dois fenómenos interessantes e estatisticamente significativos. Por um lado, as mães dessas famílias utilizam mais a rejeição e menos o controlo comparativamente com as mães das famílias nucleares. Por outro lado, se se compararem os resultados obtidos ao sentimento de controlo das crianças relativamente ao pai, verifica-se que nas famílias monoparentais estas sentem-se menos controladas pelo seu pai comparativamente a crianças oriundas de famílias nucleares.

Foi também observada uma concordância na percepção de controlo e de suporte emocional, quer paterno quer materno, por parte da criança. A semelhança neste valor tanto no que diz respeito ao pai, como no que diz respeito à mãe, aumenta nas famílias monoparentais. Um dado verificado e transversal a todos os tipos de família é a percepção que a criança tem de ser mais rejeitada e simultaneamente apoiada pela mãe em oposição ao pai. Não existiram diferenças significativas na representação de vinculação da criança em função dos estilos parentais, no entanto, observou-se uma associação significativa entre o comportamento de vinculação da criança e o suporte emocional materno. Esta observação levantada por Simões S. C. (2011) é também ela transversal aos diferentes tipos de famílias. Foi registada uma relação positiva nas dimensões de comportamento de rejeição materno e vinculação insegura por parte da criança verificada com mais força nas famílias monoparentais, mas comum a todas. A dimensão do controlo é a que apresenta resultados mais baixos de correlação com a qualidade de vinculação da criança.

A autora conclui que apenas a percepção materna do estilo educativo, de todos os critérios estudados, tem um carácter preditivo e que o dado comum a todas as famílias é que a maior correspondência em termos de dimensões à qualidade da vinculação seriam o suporte emocional, com uma direção positiva e a rejeição com uma direção negativa.

3.3. Objetivos

Este estudo tem como principal objetivo observar se existem correlações entre os estilos parentais entendidos na perspetiva das crianças e a qualidade da vinculação observada nas mesmas.

Como objetivos específicos procurou-se compreender se existiam diferenças na segurança de vinculação e das práticas parentais percebidas tendo em conta as variáveis sociodemográficas. Mais especificamente procurou-se: a) compreender se existem diferenças entre o género em relação à segurança de vinculação e às práticas parentais percebidas; b)

compreender se existem diferenças entre a idade em relação à segurança de vinculação e às práticas parentais percebidas; c) compreender se existem diferenças entre a figura parental com que habita em relação à segurança de vinculação e às práticas parentais percebidas; d) compreender se existem diferenças entre o número de irmãos em relação à segurança de vinculação e às práticas parentais percebidas; e) compreender se existem diferenças entre a posição que ocupa na fratria em relação à segurança de vinculação e às práticas parentais percebidas.

Estudo Empírico

Capítulo 4 – Estudo Empírico

De uma forma sumária, este estudo tem como objetivo avaliar a existência da relação entre a segurança da vinculação e a percepção dos cuidados parentais numa amostra de crianças em idade escolar. Neste capítulo são descritos os instrumentos utilizados com maior destaque para o KSS e EMBU-C. Também é apresentado o procedimento.

4.1. Amostra

A amostra recolhida foi constituída por 42 crianças que frequentam o 4.º ano de escolaridade, 22 do sexo masculino (52,4%) e 20 do sexo feminino (47,6%), com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos ($M = 9,57$ anos; $DP = 0,50$). Face à questão com quem vive (pai, mãe ou os dois), 31 destas crianças (73,8%) vivem com os dois progenitores, 9 vivem apenas com a mãe (21,4%) e 2 apenas vivem com o pai (4,8%). Relativamente à posição na fratria 21 crianças são primeiros filhos (50%), 8 são filhos do meio (19%) e 13 são o último filho (31%).

A média de segurança de vinculação é uma vinculação que mostra ser segura, tanto ao pai (47,88) e à mãe (49,33).

4.2. Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram o questionário sociodemográfico, a escala Kerns Security Scale (Santos, & Veríssimo, 2011) e o inventário EMBU-C (Canavarro, 1996, 1999).

4.2.1. Questionário Sociodemográfico

Elaborou-se o questionário sociodemográfico (ver apêndice II) de forma a obter informações relativas às variáveis, idade, sexo, ano de escolaridade, posição na fratria e com quem vive.

4.2.2. Kerns Security Scale (KSS)

Com o intuito de avaliar a variável vinculação nas crianças utilizou-se a escala KSS- *Kerns Security Scale* (Kerns, Klepac, & Cole, 1996, adaptação de Correia, Freitas, Santos, & Veríssimo, 2011). Trata-se de um questionário de autopreenchimento construído de forma a avaliar a percepção da criança acerca das relações de vinculação com os seus pais durante a infância e a pré-adolescência. O KSS é apresentado na forma de dois questionários de 15 itens cada um relativo a cada um dos pais e apresenta questões do tipo “algumas crianças...”, “outras crianças...” que abordam temas como: até que ponto as crianças acreditam numa figura de vinculação responsiva e disponível (preocupação da criança se o progenitor não está

disponível); a tendência da criança para confiar na figura de vinculação em situações de maior *stress* (se a criança se dirige a um dos progenitores quando está chateada); interesse da criança em comunicar com as figuras de vinculação (se a criança gosta de contar a um dos progenitores o que está a sentir/pensar). Os itens são cotados entre 1 e 4 e a sua classificação é efetuada através da adição simples dos valores dos itens, podendo variar entre 15 e 60 pontos no total. Valores superiores indicam uma percepção de vinculação mais segura. Alguns autores (Park & Hazan, *cit in* Granot & Mayseless, 2001) utilizam o critério de 45 pontos como ponto de corte para distinguir entre uma vinculação segura (superior a 45 pontos) e uma vinculação insegura (inferior a 45 pontos).

Em termos de consistência interna, o KSS apresenta valores adequados com um valor α de Cronbach de .80 e uma fidelidade teste-reteste aceitável ($r = .75$) (Kerns, Klepac, & Cole, 1996).

4.2.3. EMBU-C

O EMBU-C foi construído tendo como ponto de partida um dos instrumentos mais utilizados na avaliação retrospectiva dos estilos parentais educativos, o EMBU (*Egna Minnen Beträffande Uppfostran* - Perris, Jacobson, Lindstrom, von Knorring, & Perris, 1980; e da versão portuguesa de Canavarro, 1996, 1999). O EMBU-C está estruturado em 32 questões num formato tipo *Likert*, de quatro pontos, que varia entre 1 (Não, nunca) e 4 (Sim, sempre), tendo por finalidade medir a frequência e avaliar determinadas práticas educativas parentais durante o período da infância e adolescência do indivíduo, de forma separada, em relação a cada um dos progenitores (Canavarro M. C., 1996; Canavarro & Pereira, 2007).

No estudo da análise das qualidades psicométricas do EMBU-C de Canavarro e Pereira (2007) verificou-se a existência de três fatores: suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo.

O fator suporte emocional “refere-se à disponibilidade afectiva e física dos progenitores, à comunicação dos afectos e a comportamentos que manifestam a aceitação da criança por parte dos pais” (Canavarro & Pereira, 2007, p. 199) e é constituído por 14 itens, tendo por exemplo o item 1 “Os teus pais dizem-te que gostam de ti e abraçam-te ou beijam-te?” ou o item 27 “Os teus pais gostam de ti como tu és?”.

O fator rejeição é constituído por 8 itens relacionados com a manifestação de hostilidade física e verbal tais como comportamentos de rejeição dos pais para com a criança. Engloba questões como “Sentes-te triste quando os teus pais não te dão o que queres?” (item 2) ou “Os teus pais batem-te sem motivo?”.

O fator tentativa de controlo é formado por 8 itens, correspondentes “a comportamentos que têm por objectivo o controlo do comportamento da criança a comportamentos que visam a adesão do comportamento da criança às expectativas dos pais, com o recurso, inclusive, a estratégias de indução de culpa, e a comportamentos de sobreprotecção” (Canavarro & Pereira, 2007, p. 199). Tem questões como “Os teus pais preocupam-se em saber o que fazes quando saís da escola, quando saís com algum amigo, etc.?” (item 6) ou “Ao chegar a casa tens que contar aos teus pais o que fizeste?” (item 19).

Em termos de fiabilidade da versão portuguesa do EMBU-C, os coeficientes de α de Cronbach dos fatores encontrados variam entre .85 e .62 (Canavarro & Pereira, 2007), significando que são valores razoáveis a bons (Hill & Hill, 2009). Para o fator suporte emocional registaram-se valores de .85 (pai) e .83 (mãe). Para o fator rejeição os valores são de .62 (pai) e .63 (mãe). E para o fator tentativa de controlo registaram-se os valores .65 (pai) e .63 (mãe).

4.3. Procedimento

Devido à natureza da amostra é importante reforçar a participação voluntária e a respetiva permissão dos pais para a participação das crianças neste estudo.

A amostra foi recolhida no colégio ‘O nosso jardim’ situado na freguesia da Lapa, em Lisboa. Junto da diretora do colégio, a Sra. D. Maria Luísa Gomes de Amorim, conduziu-se uma reunião em que foram explicados os objetivos e procedimento da recolha de dados. A diretora verificou o consentimento informado (apêndice II), os questionários KSS (anexo I) e o EMBU-C (anexo II) e depois disso autorizou a realização do questionário e recolheu os documentos referentes ao consentimento informado. Estes foram encaminhados para os pais das crianças pelos seus próprios meios e após sensivelmente uma semana a recolha efetiva dos dados foi efetuada com os alunos.

No encontro com os alunos, foi explicada a natureza confidencial da recolha de dados bem como os objetivos científicos de um modo geral e de maneira adaptada à idade das crianças. A professora estava presente e ajudou na distribuição e recolha dos questionários. Depois destes estarem entregues foi feita uma leitura em voz alta das questões que servem como exemplo e explicado que não existem respostas certas ou erradas. É conveniente salientar que várias crianças denotavam hesitação nas respostas e tinham questões de compreensão, além de que também manifestaram necessidade de confirmar que os seus pais não teriam de facto acesso às respostas que davam o que, aparentemente, denota uma preocupação com os mesmos, no sentido que não queriam que eles ficassem tristes, mas também uma preocupação em serem

sinceros nas respostas que produziam. A duração total desde a entrega à recolha dos questionários foi cerca de 20 minutos em média por cada turma. Todos os alunos a quem o questionário foi entregue por terem o consentimento informado assinado pelo encarregado de educação preencheram e entregaram os questionários.

Resultados

Capítulo 5 – Resultados

O capítulo 5 designado por resultados está organizado da seguinte forma: Análise Descritiva, onde são verificados os pressupostos da normalidade dos dados em relação aos instrumentos utilizados e a descrição dos valores mínimos, máximos e médios; Análise de Diferenças de Segurança de Vinculação e Práticas Educativas Parentais em Função das Variáveis Sociodemográficas (género, idade, “com quem vive?”, número de irmãos e posição na fratria); e Análise de Correlação entre Práticas Educativas Parentais e Segurança de Vinculação.

Todas as análises e procedimentos estatísticos foram realizados com a utilização do *software IBM SPSS® (Statistical Pack for Social Sciences)* versão 20 para *Microsoft Windows®*.

5.1. Análise Descritiva

Com a análise descritiva pretende-se descrever a amostra em estudo, verificar quais os índices de consistência interna dos instrumentos utilizados, verificar que tipo de distribuição amostral possui e como se comporta a amostra em termos de valores médios, mínimos e máximos em relação à segurança de vinculação e práticas parentais percebidas.

5.1.1. Análise da Consistência Interna da KSS

O valor calculado para a amostra em causa de α de *Cronbach* para o KSS foi de .78 o que representa um valor razoável.

Tabela 1
Análise da Correlação Item-Total para KSS

	Correlação corrigida Item- Total	<i>Alfa de Cronbach</i> se item for eliminado
Segurança de Vinculação pai	,644	,
Segurança de Vinculação mãe	,644	,

5.1.2. Análise da Normalidade

5.1.2.1. Análise da Normalidade para o KSS

Pretende-se verificar se a distribuição dos valores de segurança de vinculação se aproximam de uma distribuição normal. Como tal recorreu-se ao teste estatístico *Kolmogorov-Smirnov*. Verificou-se que a distribuição dos valores de segurança de vinculação se aproximam de uma distribuição normal para os dois progenitores (ver tabela 2).

Tabela 2
Análise da Distribuição da Amostra para o Kerns Security Scale

Segurança de Vinculação	<i>Kolmogorov-Smirnov</i>	Sig
Pai	.780	.577
Mãe	.849	.468

5.1.2.2. Análise da Normalidade para EMBU

Para o EMBU o procedimento de averiguação da distribuição amostral, tal como na análise para o KSS, recorreu-se ao teste estatístico *Kolmogorov-Smirnov*. Verifica-se que em todas as dimensões do inventário a normalidade é um pressuposto assegurado para ambos os progenitores (ver tabela 3).

Tabela 3
Análise da Distribuição da Amostra para o EMBU-C

Perceção Práticas Parentais	Progenitor	<i>Kolmogorov-Smirnov</i>	Sig
Segurança Emocional	Pai	.945	.334
	Mãe	.731	.660
Rejeição	Pai	.893	.402
	Mãe	1.047	.223
Tentativa de Controlo	Pai	.978	.294
	Mãe	.728	.664

5.1.3. Descrição de Valores, Mínimo Máximo, Média, e Desvio-Padrão

Através da análise dos valores da estatística descritiva (tabela 4) pode ter-se uma primeira impressão acerca das pontuações dos participantes ($N = 42$) para cada uma das dimensões quer do KSS quer do EMBU.

Relembrando os valores que as pontuações assumem, no KSS, com um ponto de corte de 45 (Park & Hazan, *cit in* Granot & Mayseless, 2001), constatou-se que os valores variam entre 29 e 60 e que, em média, os participantes apresentam uma vinculação segura ($M \geq 45$) para ambos os progenitores, 47,88 para o pai e 49,33 para a mãe.

No que diz respeito às dimensões da EMBU os valores obtidos variam entre 1 e 4 tendo como valores médios: Segurança Emocional, pontuação de 3; Rejeição, pontuação de 2; e Tentativa de Controlo, pontuação de 2. Mais concretamente em relação à segurança emocional percebida pelas crianças em relação aos progenitores, as pontuações médias (tabela 4) são 3,38 para o pai e 3,28 para a mãe. Para a dimensão de Rejeição percebida pelas crianças face aos progenitores os valores médios são 1,57 para o pai e 1,55 para a mãe. Já para a dimensão

tentativa de controlo percebido pela criança, os valores médios são 2,24 para o pai e 2,36 para a mãe.

Tabela 4

Estatística Descritiva dos Valores de Segurança de Vinculação (KSS) e de Perceção de Práticas Parentais (EMBU-C)

Dimensões	N	Min	Max	Média	DP
Segurança de Vinculação pai	42	29	60	47,88	5,74
Segurança de Vinculação mãe	42	31	59	49,33	5,86
Segurança emocional pai	42	2,3	4,2	3,38	0,48
Segurança emocional mãe	42	2,6	3,9	3,28	0,35
Rejeição pai	42	1,0	2,6	1,57	0,42
Rejeição mãe	42	1,0	3,1	1,55	0,42
Tentativa de controlo pai	42	1,0	3,1	2,24	0,37
Tentativa de controlo mãe	42	1,1	3,5	2,36	0,49

5.2. Análise de Diferenças de Segurança de Vinculação e Práticas Educativas em Função das Variáveis Sociodemográficas

Neste ponto pretende-se verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas dos níveis de segurança de vinculação tal como de perceção das práticas educativas parentais em função das variáveis sociodemográficas. Como variáveis sociodemográficas foram recolhidas informações relativas ao género, à idade, com qual dos progenitores vive (se com um deles ou ambos), ao número de irmãos e à posição na fratria. Devido à distribuição da amostra em causa se aproximar de uma distribuição normal a maioria dos testes estatísticos utilizados neste ponto enquadra-se na estatística paramétrica. Em alguns casos específicos, que se encontram assinalados, optou-se por realizar uma análise não paramétrica tendo em conta que alguns pressupostos, como a homogeneidade de variâncias, não foram assegurados, podendo comprometer os resultados finais.

5.2.1. Género

Para verificar os valores de segurança da vinculação e de perceção dos cuidados parentais em função da variável género recorreu-se ao teste t para amostras independentes, onde não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (tabela 5).

Tabela 5

Estatística Descritiva Valores de Segurança de Vinculação e de Perceção dos Cuidados Parentais em Função da Variável Género

	Masculino N=22		Feminino N=20		T	gl	Sig
	M	DP	M	DP			
Segurança de Vinculação pai	47,45	5,24	48,35	6,34	-0,50	40	.62
Segurança de Vinculação mãe	49,32	6,28	49,35	5,52	-0,02	40	.99
Segurança Emocional pai	3,51	0,44	3,24	0,49	1,93	40	.06
Segurança Emocional mãe	3,34	0,37	3,20	0,31	1,30	40	.20
Rejeição pai	1,58	0,40	1,55	0,44	0,25	40	.80
Rejeição mãe	1,56	0,37	1,53	0,48	0,20	40	.85
Tentativa de Controlo pai	2,33	0,35	2,13	0,37	1,77	40	.08
Tentativa de Controlo mãe	2,44	0,47	2,27	0,50	1,11	40	.27

5.2.2. Idade

Para o cálculo de diferenças de valores de segurança de vinculação e de perceção de cuidados parentais entre os dois grupos etários existentes, 9 e 10 anos, utilizou-se o teste t para amostras independentes. Neste cálculo não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (tabela 6).

Tabela 6

Estatística Descritiva e Análise de Diferenças (Independent Sample T-Test) dos Valores de Segurança de Vinculação e de Perceção dos Cuidados Parentais em Função da Variável Idade

	9 anos N=18		10 anos N=24		T	gl	Sig
	M	DP	M	DP			
Segurança de Vinculação pai	48,67	4,28	47,29	6,65	0,77	40	.45
Segurança de Vinculação mãe	49,06	6,66	49,54	5,32	-0,26	40	.79
Segurança Emocional pai	3,36	0,43	3,40	0,53	-0,33	40	.75
Segurança Emocional mãe	3,25	0,30	3,30	0,38	-0,48	40	.63
Rejeição pai	1,57	0,40	1,56	0,49	0,12	40	.91
Rejeição mãe	1,54	0,37	1,55	0,46	-0,13	40	.90
Tentativa de Controlo pai	2,24	0,40	2,23	0,35	0,09	40	.93
Tentativa de Controlo mãe	2,31	0,50	2,40	0,48	-0,59	40	.56

5.2.3. Com quem vive

Em relação à questão “Com quem vive?”, as respostas variam entre, vive com o pai, vive com a mãe e vive com os dois. Optou-se por realizar a análise de diferenças dos valores de segurança de vinculação e de perceção de cuidados parentais utilizando o teste estatístico *Oneway ANOVA*, constatando-se que não existem diferenças estatisticamente significativas. Através da tabela 7 podem verificar-se os valores descritivos e do teste estatístico para a

segurança de vinculação e de percepção de cuidados parentais em função da variável com quem vive.

Tabela 7

Estatística Descritiva e Análise de Diferenças (Oneway ANOVA) de Valores de Segurança de Vinculação e Percepção de Cuidados Parentais em Função da Variável com quem vive

Variável	vive	N	Min	Max	Média	DP	Estatística
KSS	Segurança de Vinculação pai	Pai	2	48,00	51,00	49,50	2,12
		Mãe	9	41,00	52,00	46,67	4,00
		Ambos	31	29,00	60,00	48,13	6,31
		Total	42	29,00	60,00	47,88	5,73
	Segurança de Vinculação mãe	Pai	2	31,00	54,00	42,50	16,26
		Mãe	9	44,00	50,00	48,33	2,06
		Ambos	31	35,00	59,00	50,06	5,74
		Total	42	31,00	59,00	49,33	5,86
EMBU-C	Segurança emocional pai	Pai	2	2,85	3,69	3,27	0,60
		Mãe	9	2,38	3,77	3,26	0,43
		Ambos	31	2,27	4,15	3,42	0,50
		Total	42	2,27	4,15	3,38	0,48
	Segurança emocional mãe	Pai	2	2,86	3,36	3,11	0,35
		Mãe	9	2,62	3,50	3,15	0,31
		Ambos	31	2,57	3,86	3,32	0,36
		Total	42	2,57	3,86	3,28	0,35
	Rejeição pai	Pai	2	1,38	2,13	1,75	0,53
		Mãe	9	1,13	2,29	1,61	0,38
		Ambos	31	1,00	2,63	1,54	0,43
		Total	42	1,00	2,63	1,57	0,41
	Rejeição mãe	Pai	2	1,63	1,75	1,69	0,09
		Mãe	9	1,25	2,13	1,58	0,35
		Ambos	31	1,00	3,13	1,52	0,45
		Total	42	1,00	3,13	1,54	0,42
	Tentativa de controlo pai	Pai	2	2,20	2,30	2,25	0,07
		Mãe	9	1,00	3,10	2,29	0,61
		Ambos	31	1,40	2,70	2,22	0,29
		Total	42	1,00	3,10	2,24	0,37
	Tentativa de controlo mãe	Pai	2	2,30	2,50	2,40	0,14
		Mãe	9	1,10	3,50	2,32	0,75
		Ambos	31	1,40	3,00	2,37	0,42
		Total	42	1,10	3,50	2,36	0,49

5.2.4. Número de Irmãos

No que diz respeito aos valores de segurança de vinculação e de percepção de cuidados parentais em função da variável número de irmãos apenas foram encontradas diferenças

estatisticamente significativas na dimensão de Rejeição paterna (tabela 8). As respostas foram agrupadas em 3 grupos: não tem irmãos, tem um irmão, tem dois ou mais irmãos. A primeira análise de variância é feita às dimensões de segurança de vinculação materna, segurança emocional materna, rejeição paterna, tentativa de controlo paterna e tentativa de controlo materna. As restantes dimensões, segurança de vinculação paterna, segurança emocional materna e rejeição materna, são analisadas *a posteriori* através do teste *Kruskal-Wallis* porque os grupos criados não exibem tamanhos homogéneos tal como as suas variâncias.

Tabela 8

Estatística Descritiva e Análise de Diferenças (Oneway ANOVA) de Valores de Segurança de Vinculação e Perceção de Cuidados Parentais em Função da Variável Número de Irmãos

	Variável	n.º irmãos	N	Min	Max	Média	DP	Estatística
KSS	Segurança de Vinculação mãe	Nenhum	6	35	57	46,5	7,8	$F(2, 39) = 2.129, p = .133$
		Um	12	31	57	47,7	7,0	
		Dois +	24	42	59	50,9	4,3	
		Total	42	31	59	49,3	5,9	
EMBU-C	Segurança emocional mãe	Nenhum	6	2,7	3,8	3,31	0,41	$F(2, 39) = 1.716, p = .193$
		Um	12	2,6	3,9	3,12	0,43	
		Dois +	24	2,6	3,8	3,34	0,27	
		Total	42	2,6	3,9	3,28	0,35	
	Rejeição pai	Nenhum	6	1,0	2,5	1,82	0,53	$F(2, 39) = 4.504, p = .017$
		Um	12	1,0	2,6	1,74	0,46	
		Dois +	24	1,0	2,3	1,41	0,30	
		Total	42	1,0	2,6	1,57	0,41	
	Tentativa de controlo pai	Nenhum	6	1,9	2,6	2,30	0,31	$F(2, 39) = .307, p = .738$
		Um	12	1,0	3,1	2,28	0,49	
		Dois +	24	1,4	2,9	2,20	0,32	
		Total	42	1,0	3,1	2,24	0,37	
	Tentativa de controlo mãe	Nenhum	6	1,4	3,0	2,35	0,57	$F(2, 39) = .706, p = .500$
		Um	12	1,1	3,0	2,50	0,50	
		Dois +	24	1,4	3,5	2,29	0,47	
		Total	42	1,1	3,5	2,36	0,49	

Para a dimensão Rejeição paterna verificou-se a existência de um efeito³ de pequena dimensão, $F(2, 39) = 4.504$, $p = .017$, $\omega = .02$, mais especificamente podem observar-se os valores da análise de variância obtidos na tabela 9.

Tabela 9
Análise de Diferenças (Oneway ANOVA) para Dimensão Rejeição Paterna

	Somatório quadrados	gl	Média quadrados	F	Sig.
Entre Grupos	1,325	2	.663	4,504	.017
Dentro Grupos	5,736	39	.147		
Total	7,061	41			

Para averiguar onde residem as diferenças no que diz respeito à dimensão rejeição paterna em função da variável número de irmãos realizou-se uma análise *post-hoc Tukey* (tabela 10), onde se verifica que os grupos que diferem significativamente são o grupo que apenas tem um irmão com o grupo com dois ou mais irmãos. Graficamente para uma melhor percepção, estão representados os três grupos relativos ao número de irmãos no gráfico 1.

Tabela 10
Análise Post-Hoc Tukey HSD da Dimensão Rejeição Paterna para a Variável Número de Irmãos

(I) N.º irmãos	(J) N.º irmãos	(I-J)	Erro-Padrão	Sig.	IC 95%	
					Limite Inferior	Limite Superior
Nenhum irmão	Um irmão	,074	,192	.921	-,393	,542
	Dois ou mais irmãos	,406	,175	.065	-,021	,832
Um irmão	Nenhum irmão	-,074	,192	.921	-,542	,393
	Dois ou mais irmãos	,331*	,136	.049	,001	,661
Dois ou mais irmãos	Nenhum irmão	-,406	,175	.065	-,832	,021
	Um irmão	-,331*	,136	.049	-,661	-,001

*. A diferença média é significativa ao nível de 0.05.

³ A medida ómega quadrado (ω^2), neste caso, representa a dimensão do efeito existente (Field, 2009), é calculada através do somatório dos quadrados e não negligencia a variância explicada pelo modelo nem a variância do erro. A sua fórmula de cálculo é a seguinte: $\omega^2 = \frac{SQ_M - (gl_M)MQ_R}{SQ_T + MQ_R}$

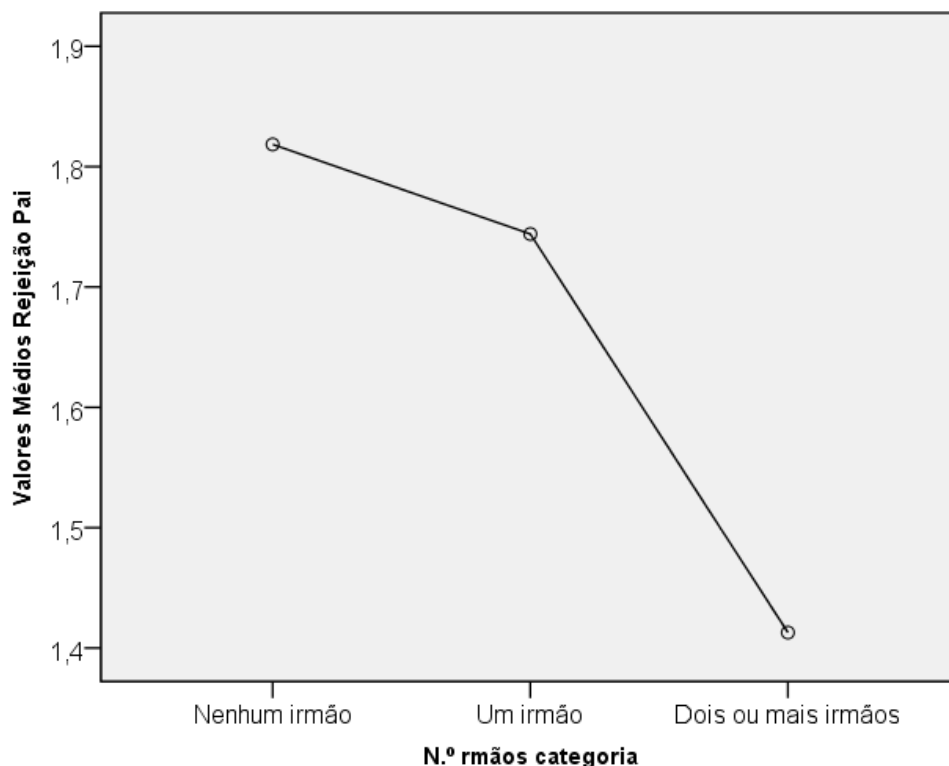


Gráfico 1

Valores Médios da Dimensão Rejeição Paterna em Função do Número de Irmãos

Para as dimensões Segurança de Vinculação paterna, Segurança Emocional paterna e Rejeição materna recorreu-se ao teste estatístico não paramétrico *Kruskal-Wallis* devido aos tamanhos dos grupos serem bastante diferentes e por não assegurarem o pressuposto de homogeneidade de variância.

O teste *Kruskal-Wallis* não revelou diferenças estatisticamente significativas do nível de segurança de vinculação paterna ao longo dos três grupos (Gp1, $n = 6$: nenhum irmão, Gp2, $n = 12$: um irmão, Gp3, $n = 24$: dois ou mais irmãos), $\chi^2(2, n = 42) = .040, p = .980$. Apesar de não existirem diferenças estatisticamente significativas o grupo com dois ou mais irmãos apresentou valores superiores de segurança de vinculação ($Md = 49,0$) em relação ao grupo sem irmãos ($Md = 48,5$) e ao grupo com apenas um irmão ($Md = 47,5$).

Para a dimensão Segurança Emocional paterna, o teste *Kruskal-Wallis* não revelou diferenças estatisticamente significativas para os três grupos (Gp1, $n = 6$: nenhum irmão, Gp2, $n = 12$: um irmão, Gp3, $n = 24$: dois ou mais irmãos), $\chi^2(2, n = 42) = 2.653, p = .265$. Mesmo não existindo diferenças estatisticamente significativas pode verificar-se que o grupo que apresenta valores superiores de Segurança Emocional materna é o grupo com dois ou mais

irmãos ($Md = 3,62$), de seguida o grupo sem irmãos ($Md = 3,39$) e por último o grupo com um irmão ($Md = 3,31$).

No que diz respeito à dimensão Rejeição materna através do teste *Kruskal-Wallis* verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos (Gp1, $n = 6$: nenhum irmão, Gp2, $n = 12$: um irmão, Gp3, $n = 24$: dois ou mais irmãos), $\chi^2(2, n = 42) = 3.292, p = .193$. Pode observar-se que o grupo que apresenta valores superiores de Rejeição materna é o grupo com um irmão ($Md = 1,66$) seguindo-se o grupo sem irmãos ($Md = 1,44$) e do grupo com dois ou mais irmãos ($Md = 1,40$).

5.2.5. Posição na Fratria

Para o cálculo de diferenças de valores de segurança de vinculação e de percepção de cuidados parentais entre os três grupos criados, primeiro filho, filho do meio e último filho, utilizou-se o teste estatístico *Oneway ANOVA*. Neste cálculo não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Através da tabela 11 podem verificar-se os valores descritivos e do teste estatístico para a segurança de vinculação e de percepção de cuidados parentais em função da variável com quem posição na fratria.

Tabela 11

Estatística Descritiva e Análise de Diferenças (Oneway ANOVA) de Valores de Segurança de Vinculação e Perceção de Cuidados Parentais em Função da Variável Posição na Fratria

	1.º Filho		Filho do Meio		Último Filho		F	sig
	N=21		N=8		N=13			
	M	DP	M	DP	M	DP		
Segurança de Vinculação pai	47,81	6,35	45,50	3,63	49,46	5,56	1.196	.313
Segurança de Vinculação mãe	48,05	6,78	49,75	2,44	51,15	5,54	1.163	.323
Segurança Emocional pai	3,38	0,50	3,59	0,19	3,26	3,24	1.181	.318
Segurança Emocional mãe	3,26	0,36	3,39	0,19	3,24	0,41	.555	.579
Rejeição pai	1,68	0,44	1,29	0,14	1,55	0,43	2.766	.075
Rejeição mãe	1,59	0,39	1,38	0,19	1,58	0,55	.806	.454
Tentativa de Controlo pai	2,27	0,46	2,21	0,34	2,21	0,21	.128	.881
Tentativa de Controlo mãe	2,36	0,57	2,34	0,58	2,38	0,28	.022	.978

5.3. Correlação entre Práticas Educativas e Segurança de Vinculação

Com o intuito de verificar qual o relacionamento existente entre a segurança de vinculação e as práticas educativas procedeu-se ao cálculo da correlação entre elas recorrendo-se ao coeficiente de *Pearson* (tabela 12).

Verificou-se a existência de correlação entre algumas dimensões da EMBU-C com os totais do KSS em ambos os progenitores. Na análise verificou-se que, relativamente à figura paterna, esta correlaciona-se de forma positiva e moderada com o Suporte Emocional paterno ($r = .353, p \leq .05$) e materno ($r = .391, p \leq .05$) e correlaciona-se de forma negativa moderada com a dimensão Rejeição paterna ($r = -.548, p \leq .05$). No que diz respeito à vinculação com a figura materna, verificou-se que esta se correlaciona de forma positiva forte com as dimensões Suporte Emocional paterno ($r = .587, p \leq .01$) e materno ($r = .580, p \leq .01$) e de forma negativa forte com as dimensões Rejeição paterna ($r = -.548, p \leq .01$) e de forma negativa moderada com a dimensão Rejeição materna ($r = -.397, p \leq .01$).

Tabela 12
Correlação do KSS e do EMBU-C das Crianças

	Suporte Emocional Pai	Suporte Emocional Mãe	Rejeição Pai	Rejeição Mãe	Tentativa de Controlo Pai	Tentativa de Controlo Mãe
KSS Pai	,353*	,391*	-,313*	-,274	-,208	-,277
KSS Mãe	,587**	,580**	-,548**	-,397**	-,175	-,197

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$

Discussão

Discussão

No capítulo anterior apresentaram-se os resultados e introduziram-se alguns comentários sempre que tal se justificou e se considerou ser apropriado. Neste capítulo, pretende-se realizar uma discussão mais detalhada, dando um maior relevo aos resultados significativos tentando confrontá-los simultaneamente com a teoria já descrita nos capítulos 1, 2 e 3 que suportam esta investigação e com os objetivos propostos inicialmente.

Relembrando o propósito principal desta investigação, pretende-se verificar se existem correlações entre os estilos parentais entendidos na perspetiva das crianças, com a qualidade da vinculação observada nas mesmas. Como objetivos específicos procurou-se:

- a) compreender se existem diferenças entre o género, em relação à segurança de vinculação e às práticas parentais percebidas;
- b) compreender se existem diferenças entre a idade, em relação à segurança de vinculação e às práticas parentais percebidas;
- c) compreender se existem diferenças entre a figura parental com que habita, em relação à segurança de vinculação e às práticas parentais percebidas;
- d) compreender se existem diferenças entre o número de irmãos, em relação à segurança de vinculação e às práticas parentais percebidas;
- e) compreender se existem diferenças entre a posição que ocupa na fratria, em relação à segurança de vinculação e às práticas parentais percebidas.

Quanto ao primeiro objetivo específico, compreender se existem diferenças entre o género, em relação à segurança de vinculação e às práticas parentais percebidas, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre géneros para a segurança de vinculação e práticas parentais percebidas.

No respeitante ao segundo objetivo específico, compreender se existem diferenças entre a idade, em relação à segurança de vinculação e às práticas parentais percebidas, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos etários, 9 e 10 anos.

No que diz respeito ao terceiro objetivo específico, compreender se existem diferenças entre a figura parental com que habita, em relação à segurança de vinculação e às práticas parentais percebidas, não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre a

figura parental com quem a criança vive em relação ao tipo de vinculação e práticas parentais percebidas.

Para o quarto objetivo específico, compreender se existem diferenças entre o número de irmãos, em relação à segurança de vinculação e às práticas parentais percebidas, verificou-se que apenas para a dimensão do EMBU-C, Rejeição paterna, se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre grupos (nenhum irmão, um irmão, dois ou mais irmãos). As diferenças identificadas têm um efeito de pequena dimensão, $F(2, 39) = 4.504$, $p = .017$, $\omega = .02$ entre o grupo com um irmão e o grupo com dois ou mais irmãos indicando que na amostra analisada as crianças com um irmão apresentam níveis de rejeição paterna superiores quando comparadas com as crianças com dois ou mais irmãos.

Quanto ao quinto objetivo específico, compreender se existem diferenças entre a posição que ocupa na fratria, em relação à segurança de vinculação e às práticas parentais percebidas, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre a posição que ocupa na fratria (primeiro filho, filho do meio ou último filho) para a segurança de vinculação e práticas parentais percebidas.

Tendo em linha de análise os resultados obtidos nesta investigação, maioritariamente, não se encontraram resultados estatisticamente significativos na amostra recolhida. Realizou-se a análise descritiva (onde se inclui a análise de normalidade), análise de diferenças e correlação entre variáveis.

Da análise efetuada às qualidades psicométricas do KSS, mesmo estando validado para a população portuguesa, verificaram-se valores de α de *cronbach* de .78, considerado ser um valor razoável segundo a literatura (Hill & Hill, 2009). Para os valores encontrados relativos ao KSS, estes aproximam-se do valor de .80 que é apresentado pelos autores (Kerns, Klepac, & Cole, 1996).

No que diz respeito à distribuição da amostra verificou-se que esta se aproxima de uma distribuição normal o que permitiu o recurso à estatística paramétrica na maioria das análises salvo em exceções devidamente assinaladas.

Na análise descritiva destacam-se os valores médios de segurança de vinculação relativos a ambos os progenitores. Estes valores são superiores ao ponto de corte de 45, significando que na sua maioria a vinculação é considerada segura (47,8 para o pai e 49,3 para a mãe). Já na análise de diferenças de valores de segurança de vinculação e práticas educativas em função das variáveis sociodemográficas, para as variáveis género, idade, “com quem vive?”

e posição na fratria, não se encontraram resultados relevantes. No entanto, para a mesma análise tendo em conta o número de irmãos (nenhum, um e dois ou mais) verificou-se um efeito de pequena dimensão $F(2, 39) = 4.504, p = .017, w = .02$, para a dimensão Rejeição Paterna (EMBU-C) entre os participantes que têm um irmão e os participantes que têm dois ou mais irmãos.

Na análise de correlação do KSS e do EMBU-C das crianças (tabela 12) há que destacar correlações positivas fortes entre a segurança de vinculação percebida com a figura materna com as dimensões Suporte Emocional paterno e materno e correlação forte e negativa com as dimensões Rejeição paterna e materna. Encontraram-se correlações positivas moderadas entre a segurança de vinculação percebida com a figura paterna e as dimensões Suporte Emocional paterno e materno e correlação negativa moderada com a dimensão Rejeição paterna. Também é pertinente referir que não foram encontradas quaisquer correlações entre a dimensão Tentativa de Controlo do EMBU-C com a Segurança de Vinculação (KSS).

Para a amostra em análise verifica-se que o suporte emocional tanto do pai como da mãe se correlaciona positivamente com a segurança de vinculação percebida pela criança. Verifica-se que há uma relação maior na mãe entre as práticas educativas das mães e a segurança da vinculação comparativamente com o pai.

De um modo mais pormenorizado pode realizar-se a interpretação da tabela de correlações por dimensões.

Observando os valores significativos obtidos na correlação entre o KSS e o EMBU-C em termos de suporte emocional pode constatar-se que, no que diz respeito a uma vinculação segura, a correlação positiva encontrada entre a vinculação segura e o suporte pode ser explicada por diversos estudos, nomeadamente onde os benefícios de uma vinculação segura se manifestam também através da existência de uma história familiar favorável com um estilo educativo com predominância do suporte e afeto, resposta às necessidades da criança e na promoção de uma autonomia psicológica (Karavasilis *et al.*; Mayseless; Sánchez *cit in* Simões, Farate, & Pocinho, 2011). No caso da vinculação ser insegura, esta normalmente está associada a maior utilização da rejeição e da sobreproteção e menor utilização de suporte e afeto (Muris, Meesters, & van den Berg, 2003; Roelofs, Meesters, ter Huurne, Bamelis, & Muris, 2006; Roelofs, Meesters, & Muris, 2007). No presente caso, onde a vinculação se mostra segura e os níveis de suporte emocional são positivos, pode afirmar-se, com as devidas reservas, que o suporte emocional e o afeto estão presentes e existe menor rejeição e sobreproteção.

Ao verificar-se a existência de suporte e afeto, por parte dos progenitores, na análise de correlação com uma vinculação segura, e de acordo com Bowlby (1973), estas contribuem para resultados de desenvolvimento benéficos. Isto é, estilos parentais regulados por suporte e afeto contribuem para uma vinculação segura tal como para um desenvolvimento da criança com mais benefícios.

Observando os resultados da correlação entre o KSS e o EMBU-C para as dimensões de Rejeição (paterna e materna), verificou-se que as correlações existentes entre a segurança de vinculação paterna e materna com a dimensão rejeição são correlações negativas. Em termos de segurança de vinculação paterna, existe uma correlação negativa e moderada com a dimensão rejeição paterna.

Para a vinculação segura com a mãe verificaram-se a existência de correlações de intensidade forte e de sentido negativo com as dimensões rejeição paterna ($r = -.548$) e correlação moderada negativa com a rejeição materna ($r = -.397$). No geral poder-se-á afirmar que a amostra apresenta níveis de rejeição baixos e tem uma vinculação segura com ambos os progenitores. Face a estes resultados e confrontando-os com a literatura, estes podem estar de acordo com diversos autores (Muris, Meesters, & van den Berg, 2003; Pereira, Canavarro, Cardoso, & Mendonça, 2009) em que se verifica que os estilos parentais com uma maior predisposição à rejeição e ao controlo têm uma correlação positiva a resultados mais negativos na criança, especificamente na manifestação de mais problemas de internalização e externalização expressos em resultados negativos assim como uma vinculação mais insegura.

No estudo de Simões, S. C. (2011) a criança tem a percepção de ser mais rejeitada e simultaneamente apoiada pela mãe em oposição ao pai, o que de alguma forma está de acordo com os dados obtidos na amostra utilizada, uma vez que a correlação entre a segurança de vinculação e o suporte emocional materno é superior em relação à mãe do que em relação ao pai e o mesmo sucede para a dimensão de Rejeição.

Ao verificar que através da análise de correlação também a intensidade das correlações é superior em relação à figura materna do que em comparação com a figura paterna, pode deduzir-se que as crianças manifestam preferência por uma das figuras parentais, neste caso, a mãe. De acordo com Salvaterra (2011) a criança dirige o seu comportamento de vinculação a mais do que uma figura. Trata-se de um conceito já desenvolvido por Bowlby, em que faz referência a dois tipos de figuras de vinculação, uma principal e uma subsidiária. No entanto não se verificaram diferenças estatisticamente significativas em termos de valores de segurança de vinculação e com qual dos progenitores a criança vive.

Face ao principal objetivo desta investigação em que se pretende observar a existência de correlações entre os estilos parentais entendidos na perspetiva das crianças, com a qualidade da vinculação observada nas mesmas, era esperado que de acordo com a literatura as crianças que indiquem estar expostas a um estilo parental maioritariamente de suporte apresentem uma vinculação tendencialmente mais segura. Após a análise de resultados pode-se afirmar que realmente existe uma correlação positiva moderada no caso do suporte promovido pelo pai e uma correlação positiva forte no caso do suporte promovido pela mãe. Devido à natureza deste estudo não é possível estabelecer uma relação de causalidade entre estas duas dimensões.

Conclusão

Conclusão

Com a presente investigação pretende-se contribuir para o estudo e conhecimento desta temática, a segurança de vinculação e as práticas educativas parentais em crianças de idade escolar, tentando perceber se existem variáveis sociodemográficas que influenciem os resultados, tal como identificar a existência da correlação entre a segurança de vinculação e as práticas educativas parentais.

Na parte final da investigação é de todo o interesse refletir sobre as conclusões principais, referir as limitações encontradas e que contributos podem advir da produção científica para a investigação futura.

Face aos objetivos específicos enunciados anteriormente no capítulo 4 conclui-se que as variáveis género, idade, a figura parental com que habita e a posição na fratria não explicam significativamente a variância dos resultados de segurança de vinculação (obtido através do KSS) e dos resultados das práticas parentais percebidas (obtido por intermédio do EMBU-C).

Na análise de diferenças de segurança de vinculação e práticas educativas parentais, a única diferença estatisticamente significativa com um efeito de pequena dimensão foi encontrada para a dimensão Rejeição paterna em função da variável número de irmãos em que as crianças com um irmão apresentam níveis de rejeição paterna superiores quando comparadas com as crianças com dois ou mais irmãos.

Verificou-se que existem associações entre a segurança de vinculação e as dimensões Suporte Emocional e Rejeição parental.

Sendo possível aperfeiçoar o desenho da investigação é adequado proceder a uma ponderação acerca das limitações identificadas no decorrer do estudo e posteriormente apresentar sugestões para as melhorar.

Primeiramente verifica-se que o número de crianças que constitui a amostra é algo reduzido ($N = 42$).

No momento da recolha dos dados em contexto de sala de aula, pode ter existido um efeito de desejabilidade social por parte das crianças ao responder aos questionários, isto é, as crianças mostraram hesitação nas respostas e apresentaram questões de compreensão, manifestando também a necessidade de confirmar que os seus pais não teriam acesso às respostas que davam, o que por um lado denota uma preocupação com os mesmos, no sentido que não queriam que ficassem tristes, mas também uma preocupação em serem sinceros nas respostas que produziam.

Também é possível que algumas variáveis possam ter funcionado como parasitas ou tenham tido um efeito de confusão, com uma possível influência involuntária das professoras e do investigador no momento do preenchimento dos questionários, ao estarem a tentar explicar algumas questões e retirarem dúvidas às crianças.

Para efeitos de recolha de dados acerca das práticas parentais foi utilizado um instrumento de recolha de informação acerca das práticas parentais, o EMBU-C. Apenas se obtiveram informações junto das crianças e não conjuntamente junto dos pais como alguns outros estudos fizeram.

A natureza do instrumento EMBU sendo psicométrica, apenas permite medir a frequência com que ocorrem certos comportamentos não possibilitando a classificação global dos estilos parentais. Esta abordagem apenas permite quantificar e compreender a influência das dimensões Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo no desenvolvimento da criança, diferenciando quais os estilos parentais presentes e que podem estar a influenciar o desenvolvimento infantil

O EMBU-C adapta-se perfeitamente à amostra estudada, e está aferido para a população portuguesa. No entanto, podem existir algumas dificuldades de compreensão das instruções e questões por parte das crianças, possivelmente interferindo em parte na fidelidade das respostas.

Sintetizando, o foco desta investigação esteve colocado na ótica da criança, simultaneamente presente na compreensão da segurança de vinculação e das práticas parentais tentando contribuir da melhor forma como uma ajuda adicional ao estudo da vinculação e da parentalidade.

Tendo por base os resultados apresentados e explorados e as limitações encontradas nesta investigação, nos parágrafos seguintes pretende-se deixar algumas sugestões para investigação futura.

Através desta investigação analisou-se a relação entre as dimensões de Suporte, Rejeição e Tentativa de Controlo na segurança de vinculação em crianças de idade escolar; numa investigação futura talvez fosse importante recolher informação relativa às mesmas dimensões junto dos pais e das crianças. Tentando recolher informações sociodemográficas de ambos os pais e tentando verificar se existem diferenças que possam influenciar positiva ou negativamente o desenvolvimento da vinculação da criança.

Avaliar a perceção dos progenitores acerca do seu próprio estilo educativo seria outra mais-valia; sendo os aspetos que mais influenciam a educação infantil as características de

personalidade do pai e da mãe, a presença de psicopatologia, o nível da educação, as dificuldades económicas e a instabilidade familiar (Werner, 2009), poder-se-iam incluir medidas que as avaliassem em investigações futuras.

Igualmente importante seria o controlo de outras variáveis, tentando recolher dados de uma amostra o mais homogénea possível, ou até recolher dados de mais participantes que permitissem criar diversos grupos para realizar a comparação entre estes. Face à questão “Com quem vive?” utilizada no questionário sociodemográfico, talvez fosse interessante saber a natureza do agregado familiar, mais concretamente se no caso de a criança viver apenas com um dos progenitores, tentar perceber o motivo, isto é, se um dos progenitores faleceu, se emigrou, se existiu divórcio. Por esta via, tentando avaliar/compreender como era o tipo de vinculação e o desenvolvimento da criança antes e após o evento que levou a criança a viver apenas com um dos progenitores. Algumas variáveis que podiam ser incluídas seriam o tempo de separação dos pais, a idade da criança quando isso aconteceu, a avaliação de fatores de proteção e de fatores de risco presentes no ambiente familiar.

Também seria interessante desenvolver estudos recentes de natureza longitudinal para avaliar a influência que determinadas variáveis têm na qualidade de vinculação da criança e no seu desenvolvimento.

A título de implicações práticas desta investigação evidenciadas pela análise e discussão dos resultados, é possível formular algumas questões relativas à prevenção e à intervenção na saúde mental das crianças em idade escolar.

Ao identificar a presença de certos estilos parentais talvez fosse possível sinalizar algumas crianças e famílias que possam estar em risco ou que apresentem algum tipo de funcionamento disruptivo, tendo especial atenção a estilos educativos que se caracterizem por terem um suporte emocional baixo conjuntamente com níveis elevados de rejeição parental. Seria também importante desenvolver algum tipo de programa de sensibilização para a promoção de vínculos seguros no desenvolvimento infantil. O ideal seria unir esforços a nível comunitário para implementar programas de promoção de práticas parentais saudáveis destinados a populações que estejam mais expostas ao risco, como por exemplo, famílias que tenham a sua matriz alterada devido a eventos como o divórcio, morte de uma ou das duas figuras parentais ou da reconstrução do agregado familiar.

Estando a parentalidade na origem do processo de vinculação, processo este que determina o modo como cada indivíduo irá lidar com as suas emoções e afetos, são os prestadores de primeiros cuidados que têm o ónus de orientar e servir de modelo de exemplo e comportamento para o bem e para o mal da educação da criança. Estes conceitos são de uma importância fundamental para a psicologia. Deste modo, toda a recolha, análise de dados e estudos que se debrucem sobre os mesmos e que permitam interpretações devem ser considerados com toda a prudência. Intuitivamente pode criar-se a convicção que as respostas para muitas das patologias modernas se encontram na maneira como cada indivíduo se relaciona com as outras pessoas e objetos. Cabe a cada investigador em particular não permitir que essa ânsia por encontrar respostas leve a tomar conclusões precipitadas sem sustentabilidade científica.

Bibliografia

- Ainsworth, M. (1967). *Infancy in Uganda: Infant Care and the Growth of Love*. Oxford, England: John Hopkins Press.
- Ayoub, C. C., Fischer, K. W., & O'Connor, E. E. (2003). Analyzing development of working models for disrupted attachments: the case of hidden family violence. *Attachment & Human Development*, 5(2), 97-119. doi:10.1080/1461673031000108478
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behaviour. *Child*, 887-907.
- Boeckel, M. G. (2005). Análise factorial do Questionário de Estilos Parentais PAQ) em uma amostra de adultos jovens universitários. *Psico-USF*, 10(1), 1-9.
- Bosmans, G., Braet, C., Leeuwen, K. V., & Beyers, W. (2006). Do Parenting Behaviors Predict Externalizing Behavior in Adolescence, or Is Attachment the Neglected 3rd Factor? *Journal of Youth and Adolescence*, 35(3), 35-364. doi:10.1007/s10964-005-9026-1
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss. Separation*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and Loss. Attachment* (2nd ed., Vol. I). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A Secure Base: Parent-Child Attachment and Healthy Human Development*. New York: Basic Books.
- Bretherton, I. (1992). The Origins of Attachment Theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 759-75.
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (2008). Internal Working Models in Attachment Relationships. In J. Cassidy, & P. R. Shaver, *Handbook of Attachment: Theory, Research and Clinical Applications* (pp. 102-127). New York: The Guilford Press.
- Canavarro, M. C. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: estudos psicométricos. *Psychologica*, 16, 5-18.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações Afetivas e Saúde Mental*. Coimbra: Quarteto.
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007). A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C. *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 2(24), 193-210.
- Cassidy, J., & Shaver, P. R. (2008). *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications*. New York: The Guilford Press.
- Correia, J. V., Freitas, M., Santos, A., & Veríssimo, M. (2011). Adaptação e validação do Kerns Security Scale (Kerns Et Al., 1996). *I Congresso Internacional de Psicologia do Desenvolvimento*. Lisboa: ISPA.

- Cruz, M. S. (2011). *Relação de Vinculação, Práticas Educativas e Ajustamento*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Faculdade de Psicologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Darling, N. S. (1993). Parenting Style as Context: Na integrative Model. *Psychological Bulletin*, 487-496.
- Dijken, S. V. (1998). *John Bowlby: His Early Life: A Biographical Journey Into the Roots of Attachment Therapy*. England: Free Association Books.
- Dishion, T. J., & McMahon, R. J. (1998). Parental monitoring and the prevention of child and adolescent problem behavior: a conceptual and empirical formulation. *Clinical child and family psychology review*, 1(1), 61-75. doi:<http://dx.doi.org/10.1023/A:1021800432380>
- Dwyer, K. M. (2005). The Meaning and Measurement of Attachment in Middle and Late Childhood. *Human Development*, 48(3), 155-182. Retrieved from <http://search.proquest.com/docview/224018062?accountid=43826>
- Field, A. (2009). *Discovering Statistics Using SPSS* (3rd ed.). London: SAGE Publications Ltd.
- Fischer, K. W., & Bidell, T. R. (2006). Dynamic Development of Action and Thought. In W. Damon, & R. M. Lerner, *Handbook of Child Psychology* (Vol. 1, pp. 313-399). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Fox, N. A., Kimmerly, N. L., & Schafon, W. D. (1991). Attachment to mother/attachment to father: a meta-analysis. *Child Development*, 62(1), 210-225.
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult Romantic Attachment: Theoretical Developments Emerging Controversies, and Unanswered Questions. *Review of General Psychology*, 4(2), 132-154. doi:10.1037//1089-2680.4.2.1
- Granot, D., & Mayseless, O. (2001). Attachment security and adjustment to school in middle childhood. *International Journal of Behavioral Development*, 25(530). doi:DOI: 10.1080/01650250042000366
- Guedeney, N. (2004). Conceitos-Chave da Teoria da Vinculação. In N. Guedeney, & A. Guedeney, *Vinculação. Conceitos e Aplicações* (E. Pestana, Trans., pp. 33-43). Lisboa: Climepsi Editores.
- Hagan, C. S. (1994). Attachment as an Organizational Framework for Research. *Psychological Inquiry*, 1-22.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2009). *Investigação por Questionário* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Holmes, J. (1993). *John Bowlby & Attachment Theory*. London: Routledge.

- Kabak, R. R. (1994). *From symptom to signal: An attachment*. Philadelphia: Brunner/Mazel.
- Kerns, K. A., Klepac, L., & Cole, A. (1996). Peer relationships and preadolescents' perceptions of security in the child-mother relationship. *Developmental Psychology*, 32(3), 457-466.
- Lima, V., Vieira, F., & Soares, I. (2006). *Vinculação em Casais: Avaliação da Representação*. Lisboa: Psicologia.
- Miljkovitch, R. (2004). A Vinculação ao Nível das Representações Internas. In N. Guedeney, & A. Guideney, *Vinculação. Conceitos e Aplicações* (E. Pestana, Trans., pp. 45-53). Lisboa: Climepsi Editores.
- Minzi, M. C. (2006). Loneliness and Depression in Middle and Late Childhood: The Relationship to Attachment and PArental Styles. *Journal of Genetic Psychology*, 167(2), 189-210.
- Muris, P., Meesters, C., & van den Berg, S. (2003). Internalizing and externalizing problems as correlates of self-reported attachment style and perceived parental rearing in normal adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 12(2), 171-183. doi:10.1023/a:1022858715598
- Pereira, A. I. (2009). *Crescer em Relação: Estilos Parentais Educativos, Apoio Social e*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pereira, A. I., Canavarro, C., Cardoso, M. F., & Mendonça, D. (2009). Patterns of Parental Rearing Styles and Child Behaviour Problems among Portuguese School-Aged Children. *Journal of Child and Family Studies*, 18, 454-464. doi:DOI 10.1007/s10826-008-9249-3
- Perris, C., Jacobson, L., Lindstrom, H., von Knorring, L., & Perris, H. (1980). Development of a new inventory assessing memories of parental rearing behavior. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 61(4), 265-274.
- Rabouam, C., & Moralès-Huet, M. (2004). Cuidados Parentais e Vinculação. In N. Guedeney, & A. Guedeney, *Vinculação. Conceitos e Aplicações* (E. Pestana, Trans., pp. 71-85). Lisboa: Climepsi Editores.
- Roelofs, J., Meesters, C., & Muris, P. (2007). Correlates of Self-reported Attachment (In)security in Children: The Role of Parental Romantic Attachment Status and Rearing Behaviors. *Journal of Child and Family Studies*, 17(4), 555-566. doi:10.1007/s10826-007-9174-x
- Roelofs, J., Meesters, C., ter Huurne, M., Bamelis, L., & Muris, P. (2006). n the Links Between Attachment Style, Parental Rearing Behaviors, and Internalizing and Externalizing

- Problems in Non-Clinical Children. *Journal of Child and Family Studies*, 15(3), 319-332. doi:10.1007/s10826-006-9025-1
- Salvaterra, F. (2011). *Vinculação e Adopção*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Shaffer, D. R., & Kipp, K. (1999). *Developmental Psychology: Childhood & Adolescence*. Wadsworth: Brooks/Cole.
- Simões, S. C. (2011). *Influência dos estilos educativos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família*. Universidade do Porto, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Porto: Universidade do Porto.
- Simões, S., Farate, C., & Pocinho, M. (2011). Estilos educativos parentais e comportamentos de vinculação das crianças em idade escolar. *Interacções*, 20, 75-99.
- Soares, I. (2007). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Braga: Psiquilibrios.
- Sroufe, L. A. (1997). *Emotional development: The organization of emotional life*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J., & Albersheim, L. (2000). Attachment Security in Infancy and Early Adulthood: A Twenty-Year Longitudinal Study. *Child Development*, 71, 684-689.
- Weber, L. V. (2003). Estilos Parentais e o Desenvolvimento da criança e do adolescente e palmadas e surras: ontem, hoje e amanhã. *Sobre comportamento e cognição : a história e os avanços, a selecção por consequências em ação*.
- Werner, E. P. (2009). Questionários de estilo educativo percibido por niños (EMBU-C),. *Dissertação apresentada ao Departamento de Psicobiologia*.
- West, K. (1994). *Patterns Of Relating: An Adult Attachment Perspective*. New York: Guilford press.

Apêndices

Apêndice I - Consentimento informado/Pedido de Autorização

Apêndice II - Questionário Sociodemográfico

Apêndice I – Pedido de Autorização/Consentimento Informado



Lisboa, 22 de Maio de 2013

Exmo (a). Senhor (a) Encarregado de Educação,

No âmbito de um projeto de investigação na área de Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, está a ser realizado um estudo que tem como objetivo avaliar a vinculação e a possível correlação da mesma com diferentes estilos parentais.

Vimos por este meio solicitar a autorização para o seu educando participar neste estudo, o qual terá lugar no Colégio O Nosso Jardim no decorrer do ano letivo de 2012/2013.

Caso aceite que o seu educando colabore neste estudo a sua participação irá consistir no preenchimento de 2 questionários. As respostas são confidenciais e anónimas. Não existem respostas certas nem erradas, sendo que servirão unicamente para tratamento estatístico sem que ninguém seja identificado.

Com os melhores cumprimentos, subscrevo-me atenciosamente

O investigador responsável,

Jaime Bessa

Autorização

Eu, Encarregado de Educação do aluno _____ autorizo/não autorizo (riscar o que **não interessa**) o meu educando a participar nesta investigação.

O Enc. De Educação

Apêndice II – Questionário Sociodemográfico

Pretende-se que preencha todos os campos solicitados de forma sincera e o mais próximo da verdade. Os seus dados apenas serão tratados para fins estatísticos e todo este processo é anónimo e confidencial. No final verifique se preencheu todos os campos e entregue esta folha ao experimentador.

Idade: _____

Sexo: 1. Masculino ☐ 2. Feminino ☐

Ano de escolaridade: _____

Tem irmãos? Sim ☐ Não ☐

Se sim, quantos____; e qual a sua posição na fratria? 1.ºFilho ☐ Filho do meio ☐ Último filho ☐

Com quem vive?_____

Verifica se todos os campos foram preenchidos e se estão corretos.

Muito obrigado pela sua colaboração!

Anexos

Anexo I – KSS, Kerns Security Scale

Anexo II – EMBU-C

Anexo I – Kerns Security Scale

Kerns Security Scale (Kerns e tal., 1996, adaptação Santos e tal, 2009)

Como te dás com o teu pai

Instruções:

Este questionário pretende saber como és com o teu pai – como ages e como te sentes perto dele. Cada pergunta fala de dois tipos de crianças, e queremos saber qual destas é mais parecida contigo. Primeiro decide se és mais parecido com a criança da esquerda ou com a criança da direita, depois decide se essa criança é um pouco parecida contigo ou se a criança é muito parecida contigo. Marca a resposta e faz um círculo à volta dessa frase. Deverás dar apenas uma resposta para cada pergunta. Antes de avançarmos, vamos tentar com um exemplo.

Exemplo:

Algumas crianças preferem praticar desporto no seu tempo livre

Mas

Outras Crianças preferem ver televisão

Muito parecida
comigo

Um pouco
parecida
comigo

Um pouco
parecida
comigo

Muito parecida
comigo

1.

Para algumas crianças é fácil confiar nos seus pais

Mas

Outras crianças não têm a certeza se podem confiar nos seus pais

Muito parecida
comigo

Um pouco
parecida
comigo

Um pouco
parecida
comigo

Muito parecida
comigo

2.

Algumas crianças sentem que os seus pais se intrometem demasiado/muito quando estão a fazer alguma coisa

Mas

Outras crianças sentem que os seus pais deixam-nas fazer as coisas por si próprias

Muito parecida
comigo

Um pouco
parecida
comigo

Um pouco
parecida
comigo

Muito parecida
comigo

3.

Algumas crianças acham fácil contar com os seus pais para as ajudar

Mas

Outras crianças acham difícil contar com os seus pais

Muito parecida
comigo

Um pouco
parecida
comigo

Um pouco
parecida
comigo

Muito parecida
comigo

4.	Algumas crianças acham que os seus pais passam tempo suficiente com elas	Mas	Outras crianças acham que os seus pais não passam tempo suficiente com elas
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo
5.	Algumas crianças não gostam de dizer aos seus pais o que estão a pensar ou a sentir	Mas	Outras crianças gostam de dizer aos seus pais o que estão a pensar ou a sentir
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo
6.	Algumas crianças não precisam dos seus pais para muitas coisas	Mas	Outras crianças precisam dos seus pais para muitas coisas
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo
7.	Algumas crianças desejam ser mais próximas dos seus pais	Mas	Outras crianças estão contentes com a proximidade que têm com os seus pais
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo
8.	Algumas crianças receiam que os seus pais não gostem realmente delas	Mas	Outras crianças têm mesmo a certeza que os seus pais gostam delas
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo
9.	Algumas crianças sentem que os seus pais as compreendem	Mas	Outras crianças sentem que os seus pais não as compreendem totalmente
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo

	Algumas crianças têm a certeza que os seus pais não as abandonariam	Mas	Outras crianças, por vezes, pensam que os seus pais podem abandoná-las
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo
11.	Algumas crianças têm medo que os seus pais não estejam presentes quando precisarem	Mas	Outras crianças têm a certeza que os seus pais estarão presentes quando precisarem
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo
12.	Algumas crianças pensam que os seus pais não as ouvem	Mas	Outras crianças pensam que os seus pais as ouvem
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo
13.	Algumas crianças vão ter com os seus pais quando estão chateadas	Mas	Outras crianças não vão ter com os seus pais quando estão chateadas
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo
14.	Algumas crianças desejam que os seus pais as ajudem mais com os seus problemas	Mas	Outras crianças acham que os seus pais ajudam o suficiente
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo
15.	Algumas crianças sentem-se melhor quando os seus pais estão por perto	Mas	Outras crianças não se sentem melhor quando os seus pais estão por perto
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo

Como te dás com a tua mãe

Instruções:

Este questionário pretende saber como és com a tua mãe – como ages e como te sentes perto dela. Cada pergunta fala de dois tipos de crianças, e queremos saber qual destas é mais parecida contigo. Primeiro decide se és mais parecido com a criança da esquerda ou com a criança da direita, depois decide se essa criança é um pouco parecida contigo ou se a criança é muito parecida contigo. Marca a resposta e faz um círculo à volta dessa frase. Deverás dar apenas uma resposta para cada pergunta. Antes de avançarmos, vamos tentar com um exemplo.

Exemplo:

Algumas crianças preferem praticar desporto no seu tempo livre	Mas	Outras Crianças preferem ver televisão
--	------------	--

Muito parecida comigo	Um pouco parecida comigo	Um pouco parecida comigo	Muito parecida comigo
-----------------------	--------------------------	--------------------------	-----------------------

1.

Para algumas crianças é fácil confiar nas suas mães	Mas	Outras crianças não têm a certeza se podem confiar nas suas mães
---	------------	--

Muito parecida comigo	Um pouco parecida comigo	Um pouco parecida comigo	Muito parecida comigo
-----------------------	--------------------------	--------------------------	-----------------------

2.

Algumas crianças sentem que as suas mães se intrometem demasiado/muito quando estão a fazer alguma coisa	Mas	Outras crianças sentem que as suas mães deixam-nas fazer as coisas por si próprias
--	------------	--

Muito parecida comigo	Um pouco parecida comigo	Um pouco parecida comigo	Muito parecida comigo
-----------------------	--------------------------	--------------------------	-----------------------

3.

Algumas crianças acham fácil contar com as suas mães para as ajudar	Mas	Outras crianças acham difícil contar com as suas mães
---	------------	---

Muito parecida comigo	Um pouco parecida comigo	Um pouco parecida comigo	Muito parecida comigo
-----------------------	--------------------------	--------------------------	-----------------------

	Algumas crianças acham que as suas mães passam tempo suficiente com elas	Mas	Outras crianças acham que as suas mães não passam tempo suficiente com elas
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
5.	Algumas crianças não gostam de dizer às suas mães o que estão a pensar ou a sentir	Mas	Outras crianças gostam de dizer às suas mães o que estão a pensar ou a sentir
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
6.	Algumas crianças não precisam das suas mães para muitas coisas	Mas	Outras crianças precisam das suas mães para muitas coisas
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
7.	Algumas crianças desejam ser mais próximas das suas mães	Mas	Outras crianças estão contentes com a proximidade que têm com as suas mães
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
8.	Algumas crianças receiam que as suas mães não gostem realmente delas	Mas	Outras crianças têm mesmo a certeza que as suas mães gostam delas
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
9.	Algumas crianças sentem que as suas mães as compreendem	Mas	Outras crianças sentem as suas mães não as compreendem totalmente
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo

	Algumas crianças têm a certeza que as suas mães não as abandonariam	Mas	Outras crianças, por vezes, pensam que as suas mães podem abandoná-las
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo
11.	Algumas crianças têm medo que as suas mães não estejam presentes quando precisarem	Mas	Outras crianças têm a certeza que as suas mães estarão presentes quando precisarem
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo
12.	Algumas crianças pensam que as suas mães não as ouvem	Mas	Outras crianças pensam que as suas mães as ouvem
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo
13.	Algumas crianças vão ter com as suas mães quando estão chateadas	Mas	Outras crianças não vão ter com as suas mães quando estão chateadas
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo
14.	Algumas crianças desejam que as suas mães as ajudem mais com os seus problemas	Mas	Outras crianças acham que as suas mães ajudam o suficiente
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo
15.	Algumas crianças sentem-se melhor quando as suas mães estão por perto	Mas	Outras crianças não se sentem melhor quando as suas mães estão por perto
	Muito parecida comigo		Um pouco parecida comigo
	Um pouco parecida comigo		Muito parecida comigo

Anexo II – EMBU – C

EMBU-CRIANÇAS

(versão original de J. Castro, 1993; adaptação C. Canavarro, I. Pereira, 2007)

Agora vamos falar um pouco sobre as coisas que acontecem em tua casa. Vais explicar-me como é que te sentes, o que dizem e o que fazem os teus pais, se às vezes se aborrecem contigo, se te fazem surpresas, oferecem prendas, etc.

Aqui estão algumas perguntas a que tu vais responder dizendo se o que te é perguntado não acontece NUNCA, se acontece ALGUMAS VEZES, ou se acontece SEMPRE.

Vamos ver como tu respondes

		Não nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
Os teus pais dão-te um beijo antes de te deitares?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4

		Não nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
1. Os teus pais dizem-te que gostam de ti e abraçam-te ou beijam-te?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
2. Sentes-te triste quando os teus pais não te dão o que queres?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
3. Se fazes algo mal, podes resolver a situação se pedires desculpa aos teus pais?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
4. Os teus pais dizem-te como te deves vestir, pentear...?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
5. Os teus pais proíbem-te de fazer coisas que os teus amigos podem fazer por medo que te aconteça algo de mal?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
6. Os teus pais preocupam-se em saber o que fazes quando saís da escola, quando saís com algum amigo, etc.?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
7. Se as coisas te correm mal, achas que os teus pais te tentam compreender e ajudar?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
8. Quando fazes algo mal, os teus pais ficam tão tristes que te fazem sentir culpado?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
9. Achas que os teus pais te ajudam quando tens que fazer algo difícil?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
10. Tratam-te como o “mau da história” e deitam-te as culpas de tudo o que acontece em tua casa?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
11. Os teus pais gostavam que te parecesses com outra criança?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
12. Os teus pais demonstram-te que estão contentes contigo?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
13. Achas que os teus pais confiam em ti e te deixam decidir coisas por tua conta?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
	Pai	1	2	3	4

14. Achas que os teus pais te escutam e têm em conta as tuas opiniões?	Mãe	1	2	3	4
		Não nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
15. Os teus pais querem que lhes contes os teus segredos?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
16. Achas que os teus pais querem ajudar-te?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
17. Achas que os teus pais são “forretas” e “duros” contigo?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
18. Os teus pais dizem-te coisas como esta: “Se fazes isto, vou ficar muito triste”?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
19. Ao chegar a casa tens que contar aos teus pais o que fizeste?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
20. Os teus pais fazem alguma coisa para que te divirtas e aprendas coisas (por exemplo comprar livros, procurar que saias num passeio, etc.?)	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
21. Os teus pais dizem-te que te portas bem?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
22. Os teus pais dizem-te que não te comprem algo para que não sejas um menino mimado?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
23. Sentes-te culpado quando não te comportas como os teus pais querem?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
24. Quando estás triste os teus pais consolam-te e animam-te?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
25. Os teus pais dizem que não gostam da maneira como te comportas em casa?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
26. Os teus pais zangam-te ou chamam-te de preguiçoso à frente de outras pessoas?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
27. Os teus pais gostam de ti como és?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
28. Os teus pais batem-te sem motivo?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
29. Os teus pais jogam contigo e participam nas tuas diversões?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
30. Os teus pais têm demasiado medo que te aconteça algo mal?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
31. Os teus pais ficam tristes ou aborrecidos contigo sem te dizerem a razão?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
32. Se os teus pais estão contentes contigo, demonstram-te com abraços, beijos, carícias, etc.?	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4